

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) LEONARDO MORAES RODRIGUES

DESAFIOS OPERACIONAIS E ADAPTABILIDADE:

a aviação do Exército estadunidense e a insurgência afegã

Rio de Janeiro

2022

CC (FN) LEONARDO MORAES RODRIGUES

DESAFIOS OPERACIONAIS E ADAPTABILIDADE:

a aviação do Exército estadunidense e a insurgência afegã

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar e acima de tudo, a Deus, que me concedeu saúde, força e sabedoria, e que não me desamparou em nenhum momento desta desafiadora jornada chamada vida. A Ti, toda honra e toda glória, hoje e sempre.

À minha querida e amada esposa Juliana, amiga e companheira inseparável, pelo apoio irrestrito, por sonhar junto comigo e por entender meus períodos de ausência, especialmente neste ano. Sem você ao meu lado, a caminhada seria muito mais difícil.

Aos meus príncipes, Lucas e Pedro, amores da minha vida, por trazerem alegria ao seu pai. Amo vocês de forma incondicional.

Aos meus pais, por me apoiarem e sempre se preocuparem comigo.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pelas orientações, pela serenidade, pela disponibilidade e pelo incentivo, que foram fundamentais para a conclusão desta dissertação.

Aos Instrutores e Oficiais-Alunos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, pelos momentos de amizade e debates, que em muito contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional neste ano.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todos que torcem e oram por mim, e que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O alvorecer do século XXI foi marcado por um evento que abalou a maior potência militar da época: os ataques de 11 de setembro de 2001. Esses ataques desencadearam uma intensa e prolongada luta contra o terrorismo, liderada pelos Estados Unidos da América (EUA). A Operação *Enduring Freedom* (OEF), ocorrida entre 2001 e 2014, materializou o início dessa luta e seu foco se concentrou no Afeganistão, na época governado pelo movimento Talibã e que abrigava lideranças da Al Qaeda, organização responsável pelos ataques. A operação se prolongou por pouco mais de treze anos, exigindo o emprego de vultuosos recursos, pessoais e materiais. Um recurso valioso e muito utilizado foi a aviação de asa rotativa. Apesar da superioridade material frente ao movimento Talibã, as características do ambiente operacional impuseram desafios à aviação do Exército dos EUA, levando-a a implementar algumas mudanças no decorrer da operação. Para este trabalho, o desenho de pesquisa escolhido foi a comparação entre a teoria e a realidade. Como teoria, utilizou-se o modelo de David Galula (1919-1967), por sua experiência profissional e por seus pressupostos terem influenciado a doutrina de contrainsurgência dos EUA. O propósito deste trabalho foi confrontar as transformações da aviação do Exército estadunidense ocorridas durante a OEF, no Afeganistão, com as reflexões de David Galula, em relação aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente, e verificar se houve aderência entre a realidade e a teoria. Ao final do trabalho, identificou-se que, com exceção do clima, os demais aspectos tiveram aderência à teoria. Além disso, também ao final do trabalho, realizou-se uma análise da importância relativa entre os quatro aspectos estudados, compilando o resultado em um quadro-resumo. Por fim, apresentou-se uma breve reflexão sobre a importância dos ensinamentos obtidos com o emprego da aviação na OEF e a sua aplicabilidade para a realidade brasileira.

Palavras-chave: Afeganistão. Contrainsurgência. David Galula. Aviação. Operação *Enduring Freedom*. Ambiente operacional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Controle do território afegão em outubro de 2001.....	55
Figura 2 - Mapa do Afeganistão.....	61
Figura 3 - Relevo afegão.	62
Figura 4 - Região montanhosa no Afeganistão.....	63
Figura 5 - Pouso em área desértica.	64
Gráfico 1 - Número de ataques insurgentes no período 2004-2010.	56
Gráfico 2 - Quantidade de militares dos EUA no Iraque e no Afeganistão, de 2002 a 2014. ..	57
Gráfico 3 - Evolução do financiamento da OEF.	58
Gráfico 4 - Número de ataques insurgentes no período 2008-2011.	59
Gráfico 5 - Evolução do número de militares dos EUA mortos no Afeganistão.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAE –	<i>Brigade Aviation Element</i>
CAB –	<i>Combat Aviation Brigade</i>
CIA –	<i>Central Intelligence Agency</i>
EUA –	Estados Unidos da América
ISAF –	<i>International Security Assistance Force</i>
MFAB –	<i>Multi-functional Aviation Brigade</i>
OEF –	<i>Operação Enduring Freedom</i>
OIF –	<i>Operação Iraqi Freedom</i>
ONU –	Organização das Nações Unidas
OTAN –	Organização do Tratado do Atlântico Norte
URSS –	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A TEORIA DE CONTRAINSURGÊNCIA SEGUNDO DAVID GALULA	10
2.1	DAVID GALULA - VIDA E NATUREZA INTELECTUAL.....	10
2.2	NATUREZA E CARACTERÍSTICAS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA	15
2.3	PRÉ-REQUISITOS PARA O SUCESSO DE UMA INSURGÊNCIA	20
2.4	UMA LEI EM ESPECIAL	25
2.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	26
3	A AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA E A OPERAÇÃO <i>ENDURING FREEDOM</i>	28
3.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS EM TERRITÓRIO AFEGÃO.....	28
3.2	A OPERAÇÃO <i>ENDURING FREEDOM</i> (2001-2014)	30
3.3	CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE OPERACIONAL AFEGÃO	35
3.4	TRANSFORMAÇÕES NA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA DURANTE A OEF	38
3.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	41
4	TRANSFORMAÇÕES NA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA DURANTE A OEF E O MODELO TEÓRICO DE DAVID GALULA	43
4.1	TRANSFORMAÇÕES X TERRENO	43
4.2	TRANSFORMAÇÕES X CLIMA	44
4.3	TRANSFORMAÇÕES X MOBILIDADE.....	45
4.4	TRANSFORMAÇÕES X RECURSOS DO CONTRAINSURGENTE	46
4.5	NÍVEL DE IMPORTÂNCIA E QUADRO-RESUMO.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	52
	ANEXOS.....	55

1 INTRODUÇÃO

No despertar do século XXI, um longo conflito teve início em território afegão, motivado por um evento que marcou a história da potência econômica e militar da época: os ataques de 11 de setembro de 2001. Tais ataques funcionaram como estopim para os Estados Unidos da América (EUA) desencadearem uma longa luta contra o terror. A Operação *Enduring Freedom*¹ (OEF), ocorrida entre 2001 e 2014, materializou o início dessa luta.

O embate ocorrido no Afeganistão entre uma potência militar e um grupo de insurgentes foi mais um exemplo de conflito marcado pela assimetria entre as forças envolvidas, em termos de recursos e capacidades. Inclusive, no mesmo território, pouco mais de trinta anos antes, aconteceu um outro choque entre forças assimétricas, quando a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) (1922-1991), com seu vasto poderio militar, enfrentou uma rebelião de combatentes tribais e islâmicos.

Fazendo-se valer da sua superioridade material, os EUA empregaram uma ampla gama de meios e recursos, durante longos anos de conflito contra o movimento Talibã, no Afeganistão. Entre esses recursos, a aviação teve papel determinante, especialmente os helicópteros, que proporcionaram intenso apoio às forças terrestres.

Ao contrário do que possa parecer em um primeiro momento, a superioridade material não se traduziu em vitória fácil para os EUA. As características do ambiente operacional, em termos de terreno, clima e inimigo, impuseram enormes dificuldades às forças estadunidenses. No que tange à aviação, em especial àquela do Exército² dos EUA,

¹ Operação Liberdade Duradoura (tradução nossa). A Operação *Enduring Freedom* (2001-2014) foi a resposta militar do governo dos EUA aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

² Para efeito deste trabalho, quando realizarmos referência à aviação do Exército, estaremos nos referindo apenas à aviação de asa rotativa.

diversas mudanças foram implementadas, a fim de se contrapor aos desafios impostos não só pelo ambiente, como também pela mutabilidade do combate.

Pelo fato de o embate entre uma potência militar e movimentos insurgentes não ser algo novo, ao longo do tempo alguns estudiosos se debruçaram sobre esse tema e propuseram modelos teóricos para explicar tal fenômeno. Entre esses estudiosos, encontramos David Galula (1919-1967), que, apesar de ter sido um Oficial do Exército francês e ter escrito sua principal obra em 1964, ganhou notabilidade sobretudo nos EUA, na época em que os estadunidenses estavam envolvidos em conflitos contra insurgentes no Iraque e no Afeganistão.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como propósito confrontar as transformações da aviação do Exército estadunidense ocorridas durante a OEF, no Afeganistão, com as reflexões de David Galula, em relação aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente. Não tendo utilizado o recurso da hipótese e considerando como objeto de pesquisa as referidas transformações, verificaremos se houve aderência entre a realidade e a teoria.

De modo a atingirmos o propósito citado, estruturamos a pesquisa em cinco capítulos, sendo três de desenvolvimento, além da Introdução e das Considerações Finais.

No capítulo dois, que se segue à Introdução, trataremos do marco teórico da nossa pesquisa, utilizando, para tal, alguns conceitos e pressupostos de David Galula. No capítulo seguinte, apresentaremos os principais fatos da OEF, com seus antecedentes, bem como algumas transformações da aviação do Exército dos EUA durante a referida operação. No capítulo quatro, verificaremos se houve aderência da realidade à teoria, de acordo com o conteúdo apresentado nos dois capítulos antecessores. Apresentaremos também um quadro-resumo com o grau de aderência e com o nível de importância de cada aspecto estudado.

Encerrando o trabalho, apresentaremos, no quinto capítulo, as principais considerações levantadas, indicando possíveis linhas de pesquisa futuras atinentes ao tema e que não foram abordadas no presente trabalho, bem como a importância do assunto para a Marinha do Brasil.

Finda esta Introdução, passaremos a tratar de alguns pressupostos teóricos de David Galula, fundamentais para o desenrolar do nosso trabalho.

2 A TEORIA DE CONTRAINSURGÊNCIA SEGUNDO DAVID GALULA

Com o objetivo de alicerçar o presente trabalho e permitir a construção de uma análise consistente dos aspectos relacionados ao movimento insurgente, abordaremos, no presente capítulo, alguns aspectos da teoria de contrainsurgência segundo David Galula. Para tal, iniciaremos a fundamentação com um breve histórico da vida do nosso teórico, destacando sua formação militar e sua experiência em conflitos, a qual foi fundamental para a consolidação dos seus pressupostos. Em seguida, trataremos de alguns aspectos da natureza e das características da guerra revolucionária, dos pré-requisitos para o sucesso da insurgência, com a consequente necessidade de o contrainsurgente se contrapor a eles, e de uma lei específica da guerra de contrainsurgência. Finalizando, serão apresentadas algumas considerações parciais, acerca do que foi apresentado no capítulo.

2.1 DAVID GALULA - VIDA E NATUREZA INTELECTUAL

Segundo Ann Rachel Marlowe (1958 -), se os EUA não tivessem identificado que estavam lutando contra uma insurgência no Iraque em 2003, David Galula ainda seria um nome quase esquecido. Naquela época, seus dois livros sobre contrainsurgência, *Pacification in Algeria (1963)*³ e *Counterinsurgency Warfare: theory and practice (1964)*⁴, estavam esgotados há quarenta anos (MARLOWE, 2010).

³ “Pacificação na Argélia” (tradução nossa).

⁴ “Guerra de Contrainsurgência: teoria e prática” (tradução nossa).

Apesar de Galula ser reconhecido recentemente como um influente teórico de contrainsurgência nos EUA, na França ele não teve o mesmo sucesso. No país europeu, a teoria da contrainsurgência teve uma grande evolução nas décadas de 1950 e 1960, quando o Exército francês lutou sucessivamente na Indochina, no Suez e na Argélia. Mas os nomes de destaque desse movimento, como Roger Trinquier (1908-1986) e Charles Lacheroy (1906-2005), já eram famosos antes de Galula começar a escrever. No contexto da guerra revolucionária francesa, havia pouca novidade na abordagem de Galula (MARLOWE, 2010).

Se na França Galula não teve tanto destaque, não podemos dizer o mesmo quanto aos EUA. No país norte-americano, ele ganhou notoriedade no início do presente século, sobretudo por conta do envolvimento dos estadunidenses em conflitos no Iraque e no Afeganistão, onde insurgentes foram enfrentados, em ambientes operacionais bem distintos. De acordo com o General do Exército dos EUA, David Petraeus (1952-), um dos autores do FM 3-24 *Counterinsurgency*⁵ em 2006, nenhum livro teve mais influência na elaboração do referido manual quanto *Counterinsurgency Warfare: theory and practice (1964)*, de David Galula (MARLOWE, 2010).

David Galula foi um Oficial do Exército francês, que nasceu em 10 de janeiro de 1919, em uma próspera família na Tunísia. Em 28 de outubro de 1924, seu pai, Albert Galula, obteve a cidadania francesa para si e seus sete filhos. Depois que uma parceria de negócios com o irmão de sua esposa faliu, Albert Galula se mudou com a família para Casablanca, Marrocos, onde David frequentou o liceu *Lycée Lyautard* (MARLOWE, 2010).

Uma das tias maternas de David casou-se com um oficial francês, o coronel Albert Pastier, e Galula ficou empolgado com a ideia de frequentar a academia militar francesa de

⁵ FM 3-24 *Counterinsurgency* é o manual de campanha do Exército dos EUA que estabelece a doutrina (princípios fundamentais) para operações militares em um ambiente de contrainsurgência.

Saint-Cyr e seguir seus passos. Após concluir os estudos no liceu em Casablanca e se dedicar por um ano, Galula conseguiu aprovação na academia militar. Em Saint-Cyr, ele teria estudado a longa história da guerra colonial francesa, o que seria fundamental para sua atuação na Argélia. Galula se formou na academia em 1939, mesmo ano em que França e Alemanha entraram em guerra. Devido ao rápido avanço alemão sobre o território francês e visando preservar o jovem Oficial, empregando-o em uma missão mais proveitosa, o Exército francês enviou Galula para trabalhar como espião em Tânger, Marrocos. Quando Casablanca foi tomada pelos Aliados, no final de 1942, no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Galula retornou ao Exército regular (MARLOWE, 2010).

Após o retorno ao Exército, David Galula teve a oportunidade de lutar na recaptura de Elba e Toulon, em 1944. Nessa época, um grande golpe de sorte ocorreu na sua vida. O Capitão – mais tarde Coronel – Jacques Guillermaz (1911-1998) tornou-se seu comandante (MARLOWE, 2010). David causou uma forte impressão em Guillermaz, a ponto de fazê-lo convidar Galula para acompanhá-lo à China, como assistente de Adido Militar, após a guerra. Guillermaz, que era um talentoso sinólogo, tornou-se um verdadeiro mentor de Galula e ambos se tornaram inseparáveis, tanto profissional, como pessoalmente. Guillermaz ajudou a moldar a mente talentosa de Galula (COHEN, 2012).

Em 1945, Galula chegou à China, para trabalhar como assistente de Jacques Guillermaz. Foi lá que ele aprimorou suas habilidades na língua inglesa. Em abril de 1947, Galula partiu sozinho para uma viagem ao interior do país, onde foi capturado por comunistas chineses. Ele era declaradamente anticomunista, mas ficou impressionado com a doutrinação chinesa, bem como com a consciência da necessidade de ser amigo do povo local. Nessa época,

Galula e seus amigos europeus e norte-americanos estavam fascinados por Mao Tsé-Tung⁶ (1893-1976) e suas doutrinas — e sabiam que precisavam entendê-las para se opor a elas. A ênfase de Galula e de outros contrainsurgentes em isolar o insurgente da população é o outro lado da insistência de Mao Tsé-Tung de que o insurgente recebe seu apoio do povo (MARLOWE, 2010).

Em 1948, Galula deixou a China e em 1949 foi para a Grécia, trabalhar como observador na Comissão Especial das Nações Unidas para os Balcãs. Nessa ocasião, ele teve a oportunidade de acompanhar os últimos meses da Guerra Civil Grega (1946-1949) e ver os princípios maoístas empregados fora da China (MARLOWE, 2010).

Em junho de 1951, Galula assumiu o cargo de Adido Militar francês em Hong Kong, onde viveu até fevereiro de 1956. Durante seus anos em Hong Kong, Galula viajou com frequência para a Indochina, onde interrogou ex-prisioneiros dos comunistas que retornaram da China continental, alguns dos quais haviam sofrido lavagem cerebral. A guerra francesa na Indochina foi a terceira insurgência que Galula pôde estudar de perto, sendo a primeira, a rebelião de Mao Tsé-Tung, e a segunda, a guerra na Grécia. A derrota francesa em Dien Bien Phu, em 7 de maio de 1954, foi traumática para Galula, pois vinte por cento de seus colegas de Saint-Cyr morreram nessa guerra (MARLOWE, 2010).

Em 1956, Galula se ofereceu para lutar na Argélia. Segundo sua viúva, ele se sentia culpado por ter perdido a guerra na Indochina. Na Argélia, Galula se reuniu com seu mentor, Jacques Guillermez. Em sua primeira missão, Galula liderou cerca de cem homens em Djebel Aissa Mimoun. Ele foi capaz de se valer não apenas de seu conhecimento como especialista da guerrilha de Mao, mas também da longa tradição francesa de guerra colonial. O sucesso

⁶ Mao Tsé-Tung foi um teórico revolucionário, líder do Partido Comunista Chinês de 1935 até 1976 e presidente da República Popular da China de 1949 a 1959 (SCHRAM, 2022).

de Galula em Djebel Aissa Mimoun atraiu a atenção dos comandantes superiores. Em março de 1958, foi transferido para outra área, Bourj Menaiel, onde se tornou vice-comandante ao ser promovido ao posto de Major. Nesse mesmo ano, sua participação no conflito na Argélia foi encerrada, quando seus serviços foram solicitados pelo Ministério da Defesa francês (MARLOWE, 2010).

No início da década de 1960, o Exército francês não era o melhor lugar para um contrainsurgente. Nos círculos militares dos EUA, no entanto, a contrainsurgência estava quase tão em evidência quanto no final dos anos 2010 (MARLOWE, 2010).

Entre 1960 e 1963, durante o aumento de interesse em contrainsurgência, Galula passou um tempo considerável nos EUA. Em março de 1962, ele se juntou ao Centro de Assuntos Internacionais de Harvard, onde se tornou amigo íntimo de Henry Kissinger (1923-), diretor associado do Centro e chefe do Programa de Estudos de Defesa de Harvard. Em abril de 1962, Galula participou de um importante simpósio RAND⁷, no estado da Virgínia, que reuniu um grupo de contrainsurgentes para quatro dias de discussões (MARLOWE, 2010). Foi também em 1962 que Galula começou a escrever seus dois principais livros, *Pacification in Algeria (1963)* e *Counterinsurgency Warfare: theory and practice (1964)* (COHEN, 2012).

Ainda em 1962, seja por desgosto por causa da Argélia, desânimo sobre a promoção ou simplesmente o desejo de sustentar sua família com mais conforto, Galula renunciou ao Exército francês. Ele desejava permanecer nos EUA e encontrar um emprego que sustentasse melhor a sua família. No entanto, algumas oportunidades que surgiram exigiam que ele desistisse de sua cidadania francesa, o que ele se recusou a fazer (MARLOWE, 2010).

⁷ A *RAND Corporation* é uma organização de pesquisa, independente e sem fins lucrativos, que fornece análise objetiva e eficaz de soluções que atendem aos desafios dos setores público e privado ao redor do mundo (RAND CORPORATION, c2022).

Em janeiro de 1964, já de volta à França, Galula foi trabalhar em Paris, para uma fabricante multinacional de equipamentos de radar de longo alcance (MARLOWE, 2010).

Já em 1966, ele aceitou um emprego em Londres como Oficial de Ligação civil para o Consórcio de Meio Ambiente Terrestre de Defesa Aérea da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para estudar equipamentos de radar de longo alcance. Nessa época, Galula estava apresentando problemas digestivos. Por conta dessa situação, ele resolveu fazer exames em Paris. Chegando na capital francesa no dia 1º de abril de 1967, ele foi direto para o hospital e, no dia 11 de maio do mesmo ano, acabou falecendo, com 48 anos de idade, devido a um câncer nos pulmões

(MARLOWE, 2010).

Após cerca de quarenta anos da publicação do seu principal livro sobre contrainsurgência, Galula parece ter sido redescoberto pelos militares e estrategistas dos EUA. Após um breve resumo histórico da sua vida, abordaremos alguns aspectos relevantes da sua obra *Counterinsurgency Warfare: theory and practice* (1964).

2.2 NATUREZA E CARACTERÍSTICAS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Ao iniciar sua obra *Counterinsurgency Warfare: theory and practice* (1964), David Galula apresenta as características e a natureza da guerra revolucionária, de modo a permitir ao leitor a compreensão plena desse tipo de conflito. Nesse sentido, ele destaca que “uma guerra revolucionária é principalmente um conflito interno, embora as influências externas raramente deixem de incidir sobre ele” (GALULA, 1964, p. 1, tradução do autor)⁸.

⁸ No original: “A revolutionary war is primarily an internal conflict, although external influences seldom fail to bear upon it.”

O embate resulta, basicamente, da ação do insurgente visando tomar o poder – ou de se separar do país – e da reação do contrainsurgente, visando manter o seu poder (GALULA, 1964).

Outra característica marcante é que, enquanto em um conflito convencional, qualquer um dos lados pode iniciar o confronto, na guerra revolucionária apenas um lado, o do insurgente, pode iniciá-lo, pois a contrainsurgência é apenas uma consequência da insurgência. Além disso, uma insurgência normalmente começa muito antes de o insurgente recorrer ao uso da força (GALULA, 1964).

Ao tratar da guerra revolucionária, Galula faz questão de diferenciar as três formas, segundo ele, de tomada do poder pela força. A primeira é a revolução, que se manifesta normalmente por uma reviravolta explosiva, repentina, breve e espontânea, que pode ser explicada posteriormente, mas não prevista. Na revolução, as massas se movem e depois os líderes aparecem. A segunda forma é a conspiração ou golpe de estado. Ela é uma ação dissimulada de um grupo, visando à derrubada da alta liderança do país. Por sua natureza clandestina, ela não envolve as massas. A terceira e última forma de tomada de poder, e que estudaremos de forma mais detalhada no presente trabalho, é a insurgência. Ela se caracteriza por ser uma forma prolongada de luta, conduzida de forma meticulosa, com o intuito de atingir objetivos intermediários específicos, que conduzam à derrubada da ordem vigente. A insurgência normalmente é lenta no seu desenvolvimento e não se caracteriza por ser um acidente. Nesse tipo de movimento, primeiramente surgem os líderes e depois as massas são convencidas a lutar e prestar o apoio necessário (GALULA, 1964).

Galula ressalta que um dos aspectos marcantes da guerra revolucionária é a assimetria existentes entre os dois lados que se opõem. Uma comparação inicial dos poderes combatentes revela uma elevada superioridade em bens tangíveis por parte do

contrainsurgente. Por outro lado, com relação aos aspectos intangíveis, a superioridade passa a ser dos insurgentes. Eles possuem como grande bem intangível o poder ideológico de uma causa, o qual abordaremos com mais detalhes na seção seguinte deste capítulo. Galula destaca que o insurgente não pode iniciar uma insurgência a menos que tenha uma causa atraente e bem fundamentada para obter o apoio da população. A estratégia do insurgente buscará converter os bens intangíveis em ativos reais, enquanto o contrainsurgente lutará para evitar essa conversão. As particularidades que caracterizam a guerra revolucionária como tão distinta de um conflito armado convencional derivam dessa assimetria inicial (GALULA, 1964).

Em uma guerra convencional, o objetivo principal de ambos os lados costuma ser a conquista de território e a destruição das forças inimigas. Na insurgência, a lógica é um pouco diferente. Uma vez que o insurgente possui uma grande desvantagem inicial em relação a recursos tangíveis, a lógica o obriga a levar a luta para um terreno distinto, onde ele possua maiores probabilidades de êxito. A população representa esse novo terreno. Se o insurgente conseguir dissociar a população do contrainsurgente, obter seu apoio e controlá-la, ele terá grandes chances de vencer a guerra, porque, em última análise, o exercício do poder político depende do acordo implícito ou explícito do povo ou, na pior das hipóteses, da sua submissão. Assim, a disputa pela população é uma das principais características da guerra revolucionária (GALULA, 1964).

Segundo Galula (1964), a guerra revolucionária é, principalmente, uma guerra política. Isso se dá pelo fato de as operações destinadas a obter (para o insurgente) ou manter (para o contrainsurgente) o apoio da população serem basicamente de natureza política. Por esse motivo, mesmo com a existência de ações militares, a ação política permanece em lugar de destaque durante toda a guerra.

Outra característica marcante de uma insurgência é a posse da iniciativa estratégica por parte do insurgente. A menos que haja fatores externos que o obrigue a acelerar suas ações, o insurgente tem a liberdade para escolher os locais e os momentos mais oportunos para agir. O insurgente não representa uma ameaça potencial precisa e não oferece um alvo efetivo até que ele tenha revelado claramente suas intenções ao se envolver em atos de violência aberta. Por esse motivo, uma insurgência pode alcançar um elevado grau de desenvolvimento por meios legais até que o contrainsurgente comece a agir, efetivamente, para derrotar seu oponente. Isso limita bastante os movimentos preventivos do contrainsurgente. Geralmente, o máximo que ele pode fazer é tentar eliminar ou reduzir as condições favoráveis ao surgimento e desenvolvimento da insurgência (GALULA, 1964).

Galula (1964) também destaca que, em um conflito armado convencional, a transição da paz para a guerra normalmente ocorre de forma repentina. Na guerra revolucionária, isso dificilmente ocorre, porque o insurgente não tem força suficiente no início. De fato, ele não tem interesse em produzir um forte impacto com as suas ações até que se sinta plenamente capaz de resistir à reação esperada do contrainsurgente.

Devido também à fraqueza inicial do insurgente, a guerra revolucionária possui a característica de ser uma guerra prolongada. Demanda um tempo para que o insurgente tenha condições de organizar um movimento, levantar forças e recursos e ter condições de enfrentar seu oponente a ponto de vencê-lo. Da perspectiva do contrainsurgente, derrotar um movimento insurgente também costuma exigir um longo esforço (GALULA, 1964).

Outra característica significativa da guerra revolucionária é o desbalanceamento de custos. A insurgência é barata, ao passo que a contrainsurgência é cara. Um dos objetivos do insurgente é promover a desordem, pois ela prejudica a economia e ajuda a minar a autoridade do governo instituído. E não são necessários elevados recursos financeiros para

produzir a desordem. Por outro lado, manter a ordem exige numerosos recursos materiais e econômicos. Como o contrainsurgente não pode se eximir das suas responsabilidades, ele é obrigado a envidar todos os esforços para manter a ordem. Por causa da disparidade de custo e esforço, o insurgente pode aceitar uma guerra prolongada; o contrainsurgente não deveria fazê-lo (GALULA, 1964).

O desbalanceamento da guerra revolucionária também se reflete no comportamento dos oponentes. As ações do insurgente são fluidas, enquanto as do contrainsurgente são rígidas. O primeiro é fluido, porque não tem responsabilidade e bens concretos; o segundo é rígido, porque possui ambos. Além disso, a fluidez de um lado e a rigidez do outro são determinadas também pela natureza das operações, que são simples para o insurgente e normalmente complexas para o contrainsurgente (GALULA, 1964).

Um recurso de que ambos os lados de uma guerra revolucionária podem lançar mão é a propaganda. Ela exerce um papel importante na insurgência, porém com pesos distintos para os dois lados do conflito. Esse desbalanceamento é reflexo da assimetria característica desse tipo de guerra. O insurgente é praticamente livre para usar a propaganda como desejar, mesmo que seja para mentir e enganar. Já o contrainsurgente, por estar ligado às suas responsabilidades, utiliza a propaganda como uma arma secundária, valiosa apenas se for para informar, e não para iludir a população (GALULA, 1964).

Finalizando as principais características de uma guerra revolucionária, Galula ressalta que esse tipo de guerra permanece não convencional até o fim. Mesmo após a criação de um exército regular pelo insurgente, ele continuará realizando ações de subversão. Inclusive, elas poderão aumentar em alcance e intensidade para facilitar as operações do exército regular e ampliar seus efeitos. Enquanto a população estiver sob seu controle, o

insurgente manterá sua liberdade de recusar a batalha decisiva, exceto nas suas próprias condições (GALULA, 1964).

Após ficar evidente que a guerra revolucionária é um conflito marcado pela assimetria entre os oponentes, para que o lado mais fraco em termos materiais tenha condições de alcançar seus objetivos e vencer o conflito, alguns pré-requisitos devem ser observados. Isso é o que veremos na seção seguinte.

2.3 PRÉ-REQUISITOS PARA O SUCESSO DE UMA INSURGÊNCIA

Devido à superioridade material do contrainsurgente desde o início, as chances de sucesso do insurgente obviamente dependerão do cumprimento de certas condições preliminares.

David Galula estabelece quatro pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência, a saber: uma causa, a fraqueza do contrainsurgente, as condições geográficas e o apoio externo. Abordaremos a seguir cada um desses pré-requisitos.

Como vimos na seção anterior, o terreno onde o insurgente procura desenvolver suas ações é a população. E para atrair apoiadores dessa população, o insurgente necessita explorar uma causa atraente. E a melhor causa para os propósitos do insurgente é aquela que possibilita aproximar o maior número de apoiadores e afastar o mínimo de oponentes (GALULA, 1964).

David Galula explica que existem alguns critérios para a escolha de uma causa. Além da melhor causa ser aquela que atrai o maior número de apoiadores, o insurgente precisa ser capaz de se identificar totalmente com ela ou, mais precisamente, com a maioria

da população por ela atraída. Para ser relevante, a causa também deve ser tal que o contrainsurgente não possa adotá-la ou só possa fazê-lo sob pena de perder seu poder, que é, afinal, o que ele está lutando contra. Ademais, uma causa também deve ser duradoura, se não durante todo o conflito, pelo menos até que o movimento insurgente esteja em condições de enfrentar os contrainsurgentes (GALULA, 1964).

Quanto à sua natureza, Galula também destaca que uma causa deve estar relacionada a um problema. Onde não há problema, não há causa. Ele explica que o que torna um país mais vulnerável do que outro a insurgências é a profundidade e a intensidade dos problemas existentes. Uma propaganda eficiente pode transformar um problema artificial em um problema real. Além disso, não é necessário que o problema seja crítico, embora o esforço do insurgente seja facilitado se for o caso. Um meio rápido de se produzir esse efeito pode ser utilizando-se do terrorismo (GALULA, 1964).

Quanto à manipulação da causa, Galula explica que o insurgente não precisa se restringir à escolha de uma causa única. Ele tem muito a ganhar selecionando uma diversidade de causas especialmente voltadas para os grupos que procura atrair dentro da população. Além disso, não há nada que obrigue o insurgente a manter a mesma causa se outra parece mais vantajosa (GALULA, 1964).

Por fim, em relação à causa, Galula ressalta que a sua importância diminui progressivamente à medida que o insurgente adquire força, embora seja essencial no início da insurgência. A própria guerra torna-se a questão principal, obrigando a população a se posicionar, de preferência do lado do vencedor (GALULA, 1964).

Além da causa, outro pré-requisito que está relacionado ao sucesso de uma insurgência diz respeito à fraqueza do contrainsurgente. Nesse aspecto, Galula analisa seis pontos fortes e fracos do regime político, a saber: ausência de problemas; consenso nacional;

determinação da liderança contrainsurgente; conhecimento dos líderes sobre a guerra de contrainsurgência; máquina para controle da população; e condições geográficas (GALULA, 1964).

Com relação à ausência de problemas, Galula defende que se um país não possui problemas, ele está imune a insurgências. Porém na prática, isso é praticamente uma utopia. Já no que diz respeito ao consenso nacional, ele argumenta que a solidez de um regime se baseia principalmente nesse consenso. Em relação à determinação da liderança contrainsurgente, Galula ressalta que esse é um fator importante em qualquer tipo de conflito, mas particularmente em uma guerra revolucionária, pois o insurgente tem a vantagem inicial de uma causa, além do fato de uma insurgência não se transformar repentinamente em um perigo e a reação do povo ser lenta. O quarto fator é o conhecimento dos líderes sobre a guerra de contrainsurgência, pois não basta que os líderes sejam determinados; eles também precisam saber combater uma insurgência. O quinto fator está relacionado à máquina para controle da população. Nesse ponto, Galula abrange a sua análise, considerando quatro instrumentos para controle: a estrutura política, a burocracia administrativa, a polícia e as forças armadas. Com relação às condições geográficas, apesar de não estarem intimamente relacionadas à política, elas podem fortalecer o regime político mais fraco ou debilitar o mais forte, conforme veremos a seguir (GALULA, 1964).

A geografia desempenha um papel importante em uma guerra convencional, mas em uma insurgência, ela pode exercer uma função preponderante. Caso o insurgente não consiga obter ajuda dos aspectos geográficos, ele pode estar destinado ao insucesso antes mesmo de começar a lutar. Galula examina o efeito de oito fatores geográficos, a saber: localização, tamanho, configuração, fronteiras internacionais, terreno, clima, população e economia (GALULA, 1964).

Com relação à localização, Galula argumenta que um país isolado por barreiras naturais (mar, deserto, montanhas), ou situado entre países que são contrários ao movimento insurgente, é favorável ao contrainsurgente. Quanto ao tamanho, ele defende que quanto maior o país, maior será o desafio para um governo controlá-lo. Já em relação à configuração, ele justifica que um país fácil de compartimentar prejudica o insurgente. No que se refere à extensão das fronteiras, quanto maior elas forem, principalmente se os países vizinhos forem favoráveis à causa revolucionária, melhor será para o insurgente. Com respeito ao terreno, ele ajuda o insurgente na medida em que é acidentado e difícil, seja pelas montanhas e pântanos, seja pela vegetação. Esse fator será de enorme importância para o presente trabalho, como veremos mais adiante. Quanto ao clima, Galula defende que, ao contrário do que se pensa, climas severos favorecem as forças contrainsurgentes, que têm, normalmente, melhores recursos logísticos e operacionais. Esse é outro fator que será relevante para a análise do conflito no Afeganistão. No que tange à população, quanto maior ela for, mais difícil será controlá-la. No entanto, um aspecto importante quanto à população diz respeito à densidade e à distribuição. Quanto mais dispersa ela for, melhor para o insurgente. De forma semelhante, uma elevada proporção de população rural em relação à urbana dará maior vantagem ao insurgente. A característica da população afegã também será um aspecto importante para a nossa pesquisa. Por fim, em relação à economia, o seu grau de desenvolvimento pode beneficiar tanto o insurgente quanto o contrainsurgente. Segundo Galula, um país desenvolvido estará mais sujeito a períodos curtos e intensos de terrorismo. Se, porventura, esse terrorismo se perdurar, a população pode acabar se voltando contra o insurgente, mesmo que inicialmente tenha sido favorável a ele. Já em países pouco desenvolvidos, a probabilidade de ocorrência de guerrilhas é maior, o que favorece o insurgente (GALULA, 1964).

Em resumo, com relação às condições geográficas, a situação ideal para o insurgente seria um país com extensas fronteiras terrestres, com montanhas cobertas de florestas ao longo dessas fronteiras e pântanos nas planícies, com uma grande população predominantemente rural e com uma economia pouco desenvolvida (GALULA, 1964).

O quarto e último pré-requisito para o sucesso de uma insurgência diz respeito ao apoio externo ao movimento. Esse apoio pode se apresentar de cinco formas: apoio moral, apoio político, apoio técnico, apoio financeiro e apoio militar (GALULA, 1964).

Galula destaca, no entanto, que nos momentos iniciais da insurgência, o apoio externo pode não ser inteiramente necessário, embora normalmente seja útil. Por outro lado, quando o insurgente passa da fase de guerrilhas para uma etapa de operações mais complexas, onde a constituição de um exército pode ser necessária, a quantidade e a diversidade de suprimentos certamente serão maiores. Nesse estágio do movimento, o insurgente pode obter tais suprimentos do contrainsurgente ou por meio de um apoio externo. Como nem sempre é fácil obtê-los do insurgente, o apoio externo pode se mostrar essencial (GALULA, 1964).

Embora o apoio externo possa representar o sucesso ou o fracasso de uma insurgência, Galula explica que se esse apoio for obtido com muita facilidade, ele pode prejudicar a autoconfiança das tropas insurgentes. Por esse motivo, alguns movimentos insurgentes enfatizaram a necessidade de contar com seus próprios recursos e esforços (GALULA, 1964).

Analisando os pré-requisitos acima, Galula estabelece que uma causa, uma fragilidade policial e administrativa do contrainsurgente, um ambiente geográfico não muito desfavorável e um apoio externo nos momentos intermediários e seguintes de uma insurgência são as condições ideais para o êxito de um movimento insurgente. Os dois

primeiros seriam mandatórios. O último seria um auxílio que poderia se tornar uma exigência (GALULA, 1964).

Se os pré-requisitos apresentados acima são fundamentais para o sucesso de uma insurgência, é necessário que o contrainsurgente observe certas leis e princípios que o permitam se contrapor às ações do seu oponente.

2.4 UMA LEI EM ESPECIAL

Galula (1964) define quatro leis da guerra de contrainsurgência, entre as quais uma é especialmente relevante para o nosso trabalho. Essa lei define que a intensidade de esforços e a vastidão de meios são essenciais para o êxito do contrainsurgente.

Como o insurgente é fluido, disperso e geralmente opera em pequenas frações, o contrainsurgente necessita empregar uma elevada quantidade de meios, valendo-se, principalmente, da sua superioridade relativa, a fim de reduzir a ameaça sobre a população e demonstrar que possui vontade e capacidade para vencer a guerra. Além disso, como a insurgência se caracteriza por ser um conflito de longa duração, também é necessário que o contrainsurgente faça uso dos seus recursos durante um longo período de tempo, até reverter o apoio da população, que inicialmente estava ao lado do insurgente e cujo estado final desejado é que esteja do lado do contrainsurgente (GALULA, 1964).

Com relação ao emprego de meios por parte do contrainsurgente e às características do insurgente, tais como fluidez, emprego de pequenas frações e mobilidade, Galula destaca que o emprego de meios de transporte modernos, especialmente os helicópteros, permite ao contrainsurgente combinar força e rapidez, reduzindo uma possível

vantagem relativa das forças insurgentes. Forças terrestres altamente móveis e levemente armadas representam um recurso importante para o contrainsurgente. Para sua força aérea, Galula defende que é desejável a existência de aviões para apoio ao solo e observação, com alta resistência e grande poder de fogo, além de helicópteros, que desempenham um papel vital nas operações de contrainsurgência. Dependendo das características geográficas do local do conflito, o emprego de helicópteros avulta de importância, como veremos mais adiante no presente trabalho (GALULA, 1964).

Galula também defende que tanto a guerra convencional, quanto a guerra de insurgência, não funcionam no combate a forças insurgentes. A conclusão lógica é que o contrainsurgente precisa empregar uma estratégia própria para a guerra revolucionária, que considere não apenas a natureza e as características desse tipo de conflito, mas também as leis que são particulares à contrainsurgência. Essa estratégia provavelmente se mostrará complexa, por envolver ações não apenas no campo militar, mas também nos campos econômico, social e político (GALULA, 1964).

2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No presente capítulo, realizamos uma abordagem teórica percorrendo, inicialmente, a vida e a natureza intelectual de David Galula, um teórico francês que viveu no século passado, mas cujos pensamentos ainda continuam vivos. Em seguida, tratamos da natureza e das características da guerra revolucionária, dos pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência e, por fim, de uma lei em especial da guerra de contrainsurgência.

Quanto ao nosso teórico, observamos que, apesar de ele ter vivido até 1967 e ter sido um Oficial do Exército francês, ganhou prestígio nos EUA no início do presente século, em um período em que os estadunidenses estavam envolvidos em conflitos contra insurgentes no Iraque e no Afeganistão.

Constatamos, também, que um aspecto fundamental do pensamento e dos pressupostos de David Galula está relacionado à importância que ele atribui à população. Tal fato é central em toda a sua obra *Counterinsurgency Warfare: theory and practice (1964)*.

Percebemos, ainda, que uma característica de enorme relevância em um movimento insurgente é assimetria de meios, recursos e custos, envolvendo as forças oponentes. Tal característica influencia grandemente as ações, as estratégias e os objetivos de ambos os contendores. O insurgente, inicialmente mais fraco em termos materiais, necessita fazer uso do poder ideológico de uma causa atraente, a fim de angariar o máximo apoio da população. Ele também precisa explorar as fraquezas do contrainsurgente e as condições geográficas da área de operações, bem como aproveitar o apoio externo, caso disponível, seja ele moral, político, técnico, financeiro ou militar.

Na perspectiva do contrainsurgente, é fundamental observar as leis da guerra de contrainsurgência. Elas não garantem, necessariamente, o êxito pleno na guerra, mas a sua inobservância poderá contribuir decisivamente para o fracasso no combate. Além das leis, o contrainsurgente também precisa conhecer os pré-requisitos para o sucesso da insurgência, de modo a se antecipar às possíveis ações e estratégias do oponente, tendo sempre como foco a busca pelo apoio da população, pois, como argumenta David Galula, a vitória na guerra de contrainsurgência consiste no isolamento permanente do insurgente da população.

Tendo os conceitos teóricos como alicerce, abordaremos no próximo capítulo as transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante a OEF, no Afeganistão.

3 A AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA E A OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM*

Após a apresentação de alguns pressupostos teóricos de David Galula, trataremos no presente capítulo de determinadas transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante a OEF, no Afeganistão. A fim de possibilitar um entendimento do contexto dessa operação e das implicações observadas na aviação do Exército estadunidense, dividiremos o capítulo em quatro seções. A primeira abordará os antecedentes históricos do surgimento do Talibã⁹ e sua ascensão ao poder no Afeganistão. A segunda seção apresentará um breve resumo da OEF e as motivações que levaram ao seu desencadeamento. A terceira seção apresentará as características do ambiente operacional afegão, especificamente quanto ao terreno e ao clima, que serão fundamentais para o entendimento do que será apresentado na quarta e última seção, quando discorreremos, efetivamente, sobre algumas das transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante o período de 2011 a 2014, no contexto da OEF. Finalizando, serão apresentadas algumas considerações parciais, acerca do que foi apresentado no capítulo.

3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS EM TERRITÓRIO AFEGÃO

Para entender o surgimento do Talibã, é necessário retornar ao final da década de 1970. Em 1979, tropas da ex-URSS entraram no Afeganistão para restaurar a estabilidade naquele país, após um golpe que levou ao poder lideranças políticas marxistas-leninistas. A

⁹ O Talibã é um grupo político e religioso ultraconservador, que surgiu no Afeganistão em meados da década de 1990, após a retirada das tropas soviéticas, o fim do regime comunista naquele país e o colapso da ordem civil (TALIBAN..., 2022).

presença soviética estimulou uma rebelião de combatentes islâmicos conhecidos como *mujahideen*¹⁰, que foram apoiados por países como Paquistão, Arábia Saudita e EUA. Além desse apoio, voluntários estrangeiros muçulmanos também resolveram apoiar a resistência afegã. Um desses apoiadores era Osama Bin Laden (1957-2011), um jovem oriundo de uma rica família saudita, que em 1988 fundou a organização terrorista Al Qaeda¹¹ (WITTE, 2021).

Em 1989, as tropas soviéticas deixaram o Afeganistão. Mesmo após a saída das forças inimigas, o governo afegão continuou recebendo apoio financeiro e consultivo soviético. No entanto, em janeiro de 1992 esse apoio foi encerrado. Dois meses depois, o então presidente Mohammad Najibullah (1947-1996) renunciou ao cargo. A renúncia expôs as divisões entre os partidos *mujahideen* (KATZMAN; THOMAS, 2017).

Em 1993-1994, clérigos e estudantes islâmicos afegãos, principalmente de etnia *pashtun*, a principal do país, criaram o movimento Talibã. Muitos eram ex-*mujahideen* que ficaram desiludidos com o conflito entre os partidos *mujahideen* e se mudaram para o Paquistão para estudar em seminários islâmicos. O Talibã enxergava o governo afegão como fraco, corrupto e anti-*pashtun*, e os quatro anos de guerra civil (1992-1996) acabaram proporcionando apoio popular ao movimento. Em 1994, o Talibã assumiu o controle de Kandahar, segunda maior cidade do Afeganistão, e em 1996, o grupo assumiu a capital Cabul, instituindo o Emirado Islâmico do Afeganistão. Após assumir o controle do país, o Talibã perdeu apoio internacional e doméstico, pois impôs estrita adesão aos costumes islâmicos em áreas que controlava, além de empregar punições severas àqueles que contrariavam o regime, incluindo execuções (KATZMAN; THOMAS, 2017).

¹⁰ Membros de vários grupos guerrilheiros que operaram no Afeganistão durante a Guerra do Afeganistão (1978-1989) e que se opuseram às forças invasoras soviéticas (ZEIDAN, 2021).

¹¹ A Al Qaeda é uma organização terrorista islâmica sunita transnacional, fundada em 1988 pelo saudita Osama Bin Laden. Após a Guerra do Golfo (1990-1991), em oposição à decisão da Arábia Saudita de receber tropas dos EUA, o grupo fez dos EUA seu principal alvo (THOMAS, 2022).

Também em 1996, Osama Bin Laden, expulso do Sudão, retornou ao Afeganistão, em busca de um local de onde pudesse expandir seu grupo terrorista. O líder Talibã, Mohammad Omar (1960-2013), acolheu Bin Laden, mesmo quando a condição de fugitivo internacional do líder da Al Qaeda cresceu no final dos anos 1990 (LAUB *et al.*, 2015). O fato de o Talibã abrigar a liderança da Al Qaeda progressivamente se tornou a principal preocupação dos EUA com o grupo afegão. Após os atentados de 7 de agosto de 1998, da Al Qaeda contra as Embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia, o governo estadunidense aumentou a pressão sobre o Talibã para extraditar Bin Laden, o que foi recusado por Mohammad Omar (KATZMAN; THOMAS, 2017).

O Talibã expandiu seu domínio e em 2001, ano do início da OEF, controlava a maior parte do país¹². O seu principal grupo de oposição era conhecido como Aliança do Norte e se concentrava, principalmente, na região nordeste do país (WITTE, 2021).

Sob esse pano de fundo, no dia 11 de setembro de 2001, os EUA sofreram atentados terroristas em seu território, coordenados e executados pelo grupo islâmico Al Qaeda. Como consequência desses ataques, o governo estadunidense desencadeou a OEF, como veremos na próxima seção.

3.2 A OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* (2001-2014)

Os ataques sofridos no dia 11 de setembro de 2001 provocaram uma série de ações por parte dos EUA. Uma das primeiras foi a Resolução conjunta do Congresso dos EUA, de 18 de setembro de 2001, que permitiu a realização de operações militares contra os

¹² Ver Figura 1 (Anexo A).

autores dos ataques. Por meio dessa Resolução, o presidente autorizava o uso da força necessária contra Estados, organizações ou pessoas que ele determinasse que tivessem planejado, autorizado, auxiliado ou cometido os ataques de 11 de setembro de 2001. A Resolução tinha como propósito prevenir atos futuros de terrorismo internacional contra os EUA por tais Estados, organizações ou pessoas. Ela não mencionava especificamente o Afeganistão, mas a presença da Al Qaeda e o apoio fornecido ao grupo pelo Talibã amparou a justificativa legal para o desencadeamento de uma campanha militar (WADLE, 2018).

O governo dos EUA exigiu que o Talibã entregasse todos os líderes da Al Qaeda que se escondiam em solo afegão, fechasse permanentemente os campos de treinamento de terroristas no Afeganistão e desse acesso a esses campos para que os EUA tivessem certeza de que eles não estavam mais em operação. Como tais exigências não foram atendidas, em 7 de outubro de 2001 os EUA iniciaram, com apoio do Reino Unido, a OEF, cujos objetivos iniciais eram encontrar Osama Bin Laden e outros líderes da Al Qaeda, destruir essa organização e remover o Talibã do poder no Afeganistão, por ter apoiado terroristas (WADLE, 2018).

O início da operação consistiu, principalmente, em ataques aéreos dos EUA contra as forças do Talibã e da Al Qaeda, facilitados pela cooperação com um efetivo de forças de operações especiais estadunidenses e membros da Agência Central de Inteligência¹³. O objetivo dessas operações era ajudar as forças afegãs que se opunham ao Talibã, lideradas pela Aliança do Norte, a avançar e conquistar território (THOMAS, 2019).

As ações lideradas pela Aliança do Norte continuaram se expandindo por cidades anteriormente controladas pelo Talibã, incluindo a capital Cabul, que foi conquistada em 12

¹³ Foi fundada em 1947, é conhecida internacionalmente como *Central Intelligence Agency* (CIA) e é a principal agência de inteligência estrangeira e contrainteligência do governo dos EUA (PRINGLE, 2020).

de novembro de 2001. Após o triunfo sobre a capital, um governo provisório foi instituído, mas sem a presença de lideranças talibãs (THOMAS, 2019).

O regime Talibã acabou perdendo o controle do sul e do leste do país e, em 9 de dezembro do mesmo ano, seus principais líderes fugiram de Kandahar, deixando a região sob a lei tribal. Essa data marca a queda desse regime. Apesar da queda, a maioria dos membros do Talibã e também da Al Qaeda não foram capturados, fugindo para o vizinho Paquistão ou se retirando para regiões montanhosas e remotas (THOMAS, 2019).

Em 20 de dezembro de 2001, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) autorizou a criação da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF)¹⁴ (NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO, 2022).

Com a derrubada do Talibã, os EUA passaram a envidar esforços na reconstrução do Afeganistão. Em maio de 2003, o então Secretário de Defesa dos EUA, Donald Rumsfeld (1932-2021), declarou que o combate principal no Afeganistão havia sido encerrado. No entanto, as atividades de estabilização e reconstrução do país continuaram. A partir de 2003, a atenção e os esforços dos EUA ficaram divididos entre o Afeganistão e o Iraque (LAUB; MAIZLAND, 2021).

Em 11 de agosto de 2003, a OTAN assumiu o comando da ISAF. Originalmente, essa força havia sido criada para fornecer segurança dentro e ao redor de Cabul. No entanto, sua presença foi gradualmente expandida pelo país a partir de outubro de 2003 e concluída no segundo semestre de 2006. Com a expansão, o efetivo militar e os engajamentos contra o movimento insurgente aumentaram (NATO, 2022).

¹⁴ No original em inglês: “*International Security Assistance Force (ISAF)*”.

A partir de 2006, a violência aumentou¹⁵, à medida que o Talibã voltou a atuar (LAUB; MAIZLAND, 2021). A adoção de ataques suicidas e de explosivos improvisados marcou esse ressurgimento. A característica rural e tribal de grande parcela da população afegã facilitou a adoção dessas táticas. No início, os ataques causaram um número relativamente reduzidos de vítimas, mas à medida que o treinamento e a disponibilidade de explosivos aumentaram, o número de mortes também cresceu. Enquanto isso, os EUA tiveram reduzido sucesso em capturar as lideranças talibãs. Muitos desses líderes permaneciam à solta, em regiões tribais do Paquistão (WITTE, 2021).

O ressurgimento do Talibã correspondeu a uma elevação no sentimento antiocidental entre os afegãos. Esses sentimentos foram alimentados pelo ritmo lento da reconstrução do país, pela corrupção no governo afegão e pelas baixas civis oriundas dos bombardeios dos EUA e da OTAN. Também é fundamental lembrar que o período de ressurgimento do Talibã correspondeu ao intenso envolvimento estadunidense na Operação *Iraqi Freedom* (OIF)¹⁶, ocorrida no Iraque, entre 2003 e 2011, impondo aos EUA a divisão dos seus esforços entre os dois conflitos (WITTE, 2021).

Com a ascensão do presidente Barack Obama (1960-) nos EUA, em janeiro de 2009, o envolvimento estadunidense no Iraque e no Afeganistão sofreu uma alteração relevante. À medida que o número de militares começou a crescer no Afeganistão, no Iraque esse número entrou em queda, evidenciando a guinada de prioridade dos EUA¹⁷.

Também em 2009, uma nova estratégia começou a ser implementada no Afeganistão. Conforme avaliação do General Stanley McChrystal (1954-), recém-designado comandante das forças dos EUA e da OTAN no Teatro de Operações afegão, o sucesso no

¹⁵ Ver Gráfico 1 (Anexo B).

¹⁶ Operação Iraque Livre (tradução nossa).

¹⁷ Ver Gráfico 2 (Anexo C).

conflito exigiria uma campanha abrangente de contrainsurgência. O General McChrystal trazia consigo uma larga experiência no combate a insurgentes no Iraque. Segundo ele, a nova estratégia não poderia se concentrar em conquistar terreno ou destruir forças inimigas. O objetivo principal deveria ser a população (WADLE, 2018).

Proteger a população da coerção e da intimidação dos insurgentes exigiria uma presença e um foco persistentes, que não poderiam ser interrompidos sem correr o risco de um sério fracasso. Ainda na visão do General McChrystal, preocupados com a proteção das próprias forças, os EUA vinham operando de uma maneira que os distanciava – física e psicologicamente – das pessoas que deveriam proteger. Dessa forma, era necessário mudar a cultura operacional. Para essa mudança ser possível, era necessário também haver um aumento nos recursos empregados no conflito¹⁸. Por fim, o General McChrystal também acreditava que o fator tempo era fundamental para o êxito da operação, uma vez que muitos afegãos estavam cansados e frustrados, após oito anos sem evidências significativas de progresso (WADLE, 2018).

Com a nova estratégia de combate no Afeganistão, houve um aumento significativo do efetivo militar empregado no conflito, sobretudo no sul do país, ao mesmo tempo em que se reduzia o esforço de guerra no Iraque, como anteriormente citado. Esse aumento de efetivo foi acompanhado do incremento no número de embates¹⁹ contra insurgentes afegãos e do quantitativo de militares mortos em ação²⁰.

A partir de 2011, o principal foco da ISAF passou a ser a capacitação das forças afegãs. A responsabilidade pela segurança foi progressivamente transferida para as lideranças

¹⁸ Ver Gráfico 3 (Anexo D).

¹⁹ Ver Gráfico 4 (Anexo E).

²⁰ Ver Gráfico 5 (Anexo F).

afegãs e a ISAF passou de uma função centrada no combate, para treinamento, orientação e assistência (NATO, 2022).

No dia 2 maio de 2011, após quase dez anos do início da OEF, o líder da organização Al Qaeda, Osama Bin Laden, foi encontrado e morto por forças estadunidenses, na cidade de Abbottabad, no Paquistão (WITTE, 2021). No mês seguinte, o então presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou um cronograma para retraimento de tropas do Afeganistão, começando ainda em 2011, e visando à retirada completa das forças de combate até o final de 2014 (WITTE, 2021).

Em julho de 2013, a OTAN e o Afeganistão anunciaram que as forças afegãs estavam assumindo a responsabilidade pela segurança em todo o país (LAUB; MAIZLAND, 2021). O processo de transição foi concluído no final de 2014, quando as forças afegãs assumiram total responsabilidade pela segurança (NATO, 2022). O foco da coalizão liderada pelos EUA mudava para o treinamento militar e ações de contraterrorismo, dirigidas por tropas de operações especiais (LAUB; MAIZLAND, 2021).

Por fim, em 28 de dezembro de 2014, os EUA e a OTAN encerraram formalmente sua missão de combate no Afeganistão, embora tenham mantido um efetivo de militares para apoiar e treinar as forças afegãs. Essa data marcou o fim da OEF e da ISAF.

3.3 CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE OPERACIONAL AFEGÃO

Após apresentarmos os antecedentes históricos do movimento Talibã e os principais eventos da OEF, pertinentes para o presente trabalho, abordaremos as características mais relevantes do ambiente operacional afegão, especificamente quanto ao

terreno e ao clima, de forma a construirmos uma ponte entre o que já foi apresentado e a próxima seção do capítulo.

O Afeganistão localiza-se no centro-sul do continente asiático²¹, em uma região de transição entre a Ásia e o Oriente Médio. Possui um território relativamente grande, com pouco mais de 650.000 km² (maior do que a França, por exemplo). Em termos populacionais, o país apresenta uma ampla diversidade étnica, com uma população predominantemente rural e marcada por divisões tribais. Em relação à infraestrutura, carece de vasta rede de rodovias. Ademais, o país não possui litoral e faz fronteira com seis Estados: Paquistão no leste e no sul; Irã no oeste; Turcomenistão, Uzbequistão e Tajiquistão no norte; e China no nordeste (DUPREE *et al.*, 2021).

A característica geográfica e geológica marcante do território afegão é sua cordilheira, o Hindu Kush, que é contígua à cadeia de montanhas do Himalaia. Ela se estende de nordeste a sudoeste e divide o Afeganistão em três regiões geográficas distintas²², que podem ser designadas como as terras altas centrais²³, as planícies do norte e o planalto do sudoeste (DUPREE *et al.*, 2021).

As terras altas centrais incluem a principal cordilheira de Hindu Kush e constituem uma região de vales profundos e estreitos, e altas montanhas, com picos acima de 21.000 pés (6.400 metros). As montanhas do sistema Hindu Kush diminuem de altura à medida que se estendem na direção oeste. As passagens entre altas montanhas normalmente constituem pontos de grande importância estratégica (DUPREE *et al.*, 2021).

Já a região das planícies do norte, ao norte do planalto central, estende-se do leste da fronteira iraniana até as proximidades da fronteira com o Tajiquistão. Compreende uma

²¹ Ver Figura 2 (Anexo G).

²² Ver Figura 3 (Anexo H).

²³ Ver Figura 4 (Anexo I).

área de planícies e encostas férteis, com altitude média de cerca de 2.000 pés (600 metros). A região das planícies do norte é intensamente cultivada. Além de solos férteis, a região possui ricos recursos minerais, principalmente jazidas de gás natural (DUPREE *et al.*, 2021).

Por fim, o planalto sudoeste, ao sul do planalto central, é uma região de planaltos, desertos arenosos e semidesertos. A altitude média é de cerca de 3.000 pés (900 metros). Vários grandes rios cruzam o planalto sudoeste, como, por exemplo, o rio Helmand (DUPREE *et al.*, 2021).

Assim como o relevo varia bastante, apresentando elevadas montanhas e regiões com altitude próxima ao do nível do mar, o clima no Afeganistão também apresenta condições extremas e opostas. Em geral, os invernos (dezembro a fevereiro) são extremamente frios, com temperaturas alcançando cerca de -15° C nas altas montanhas, e os verões (junho a agosto) são muito quentes, com temperaturas podendo atingir cerca de 44° C, nas regiões desérticas. Também existem variações regionais. Enquanto as regiões montanhosas do nordeste têm um clima subártico com invernos secos e frios, as áreas montanhosas na fronteira com o Paquistão são influenciadas pelas monções indianas, geralmente entre julho e setembro, que trazem massas de ar tropical marítimo com umidade e chuvas. Além disso, fortes ventos sopram quase diariamente no sudoeste, durante o verão. Logicamente, também ocorrem variações significativas de temperatura em função das diferenças de altitude (DUPREE *et al.*, 2021).

Após um panorama das principais características do terreno e do clima, na próxima seção passaremos a tratar de algumas das transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante o período de 2011 a 2014, no contexto da OEF, em função dessas características do ambiente operacional.

3.4 TRANSFORMAÇÕES NA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA DURANTE A OEF

Segundo Baran (2015), a aviação do Exército estadunidense desempenhou um papel relevante no Afeganistão, durante a OEF, sobretudo pela mobilidade oferecida, frente às necessidades exigidas pelo ambiente operacional. O terreno, caracterizado tanto por montanhas como por desertos, o clima, com calor e frio extremos, rápidas variações, ventos fortes e tempestades de areia, além de um inimigo disperso, ideologicamente motivado e armado com metralhadoras e lançadores de granadas propelidas por foguete²⁴, impuseram desafios à aviação e levaram o Exército dos EUA a realizar mudanças na sua organização, na doutrina, no treinamento e nos equipamentos. Essas mudanças foram resultado dos efeitos que o ambiente operacional causou na aviação. Entre esses efeitos, podemos destacar a necessidade de numerosas forças de contrainsurgência, o desgaste físico e psicológico nas tripulações, as limitações no desempenho operacional das aeronaves, o aumento da vulnerabilidade ao fogo inimigo, a limitação de áreas de pouso adequadas, a redução no quantitativo de rotas de voo, a limitação da capacidade de apoio às tropas em solo, a elevação na demanda por manutenção nas aeronaves, a redução do alcance dos equipamentos de comunicação e a dificuldade de navegação aérea.

Com relação à doutrina, uma mudança de grande relevância, e que ocasionou outras transformações, foi a alteração na mentalidade do emprego de aeronaves, de ataque profundo para apoio aproximado. Além disso, percebeu-se a importância de uma elevada integração ar-solo. Como o ambiente operacional do Afeganistão era diferente do previsto na

²⁴ No inglês: "*rocket-propelled grenade - RPG*". Trata-se de um lançador que dispara uma granada não guiada e propelida por foguete. Tornou-se uma arma de escolha entre terroristas e insurgentes. Pode ser usada contra muitos alvos, incluindo veículos, posições fortificadas, pessoal e aeronaves, especialmente helicópteros (NATIONAL MUSEUM OF THE UNITED STATES AIR FORCE - NMUSAF, 2022).

guerra convencional, durante a OEF a aviação do Exército dos EUA reorientou as operações de contrainsurgência, com as unidades aéreas fornecendo elevado apoio às forças de manobra em terra. Além dessa alteração de mentalidade, houve também mudanças nas táticas, nas técnicas e nos procedimentos, a fim de atender às necessidades operacionais. Como exemplo dessas alterações de técnicas e procedimentos, a maioria dos pilotos passou a realizar voos em altitudes mais elevadas, a fim de reduzir o risco de se acidentarem e de serem atingidos por fogo inimigo. Ainda com relação à doutrina, a redução do desempenho em áreas montanhosas forçou o Exército dos EUA a alterar o papel das suas aeronaves na OEF. O tipo de helicóptero utilizado em determinada área passou a ser escolhido em virtude das suas capacidades, sobretudo em termo de sustentação de voo (BARAN, 2015).

Ainda como resultado da reorientação da aviação do Exército dos EUA para operações de contrainsurgência, houve uma mudança organizacional importante, com a criação das Brigadas de Aviação Multifuncionais (MFAB)²⁵. Essas Brigadas eram compostas por diferentes tipos de aeronaves, de modo a serem capazes de conduzir uma ampla gama de operações. Posteriormente, as MFAB foram denominadas Brigadas de Aviação de Combate (CAB)²⁶. Outra mudança organizacional identificada foi a criação do Elemento de Aviação de Brigada (BAE)²⁷, fruto da verificação da necessidade de elevada integração ar-solo. O BAE era responsável por apresentar as capacidades e limitações da aviação do Exército e fornecer conhecimentos e assessoria ao comandante da Brigada terrestre. Por fim, em termos de organização, é importante destacar que, em virtude da necessidade de um intenso apoio da aviação do Exército, sobretudo em termos de mobilidade, as unidades aéreas passaram a se

²⁵ No original em inglês: “*Multi-functional Aviation Brigade*”.

²⁶ No original em inglês: “*Combat Aviation Brigade*”.

²⁷ No original em inglês: “*Brigade Aviation Element*”.

localizar junto às forças terrestres apoiadas, o que permitiu um incremento na integração e na coordenação do apoio prestado (BARAN, 2015).

Com relação à capacitação, uma mudança implementada durante a OEF foi a realização de treinamento para altitudes elevadas, como pré-requisito para as tripulações das aeronaves, antes de serem designadas para o Afeganistão. Além desse, também foram implementados treinamentos para utilização de óculos de visão noturna e para familiarização com novas aeronaves e equipamentos. Tais treinamentos visavam, de forma geral, à operação dos meios aéreos de forma mais segura e eficaz. No entanto, é importante ressaltar que, ao contrário das operações em regiões montanhosas, as operações em ambiente desértico não receberam a mesma atenção. Os incidentes causados por *brownout*²⁸, que geralmente ocorrem em operações no deserto, são uma das principais causas de acidentes aéreos²⁹. Cabe também destacar que a preocupação com a capacitação se estendeu para além da OEF, visto que o currículo das escolas de aviação do Exército, anteriormente focado na guerra convencional e na superioridade tecnológica, foi alterado para atender ambientes urbanos, desérticos e de elevadas altitudes (BARAN, 2015).

Por fim, em relação às mudanças ocorridas durante a OEF, Baran (2015) destaca que os quatro modelos de helicópteros (AH 64 Apache, CH-47 Chinook, UH-60 Blackhawk e OH-58 Kiowa) usados pelo Exército dos EUA passaram por atualização, a fim de buscarem atender aos requisitos impostos pelo ambiente operacional. No entanto, apesar das atualizações, o AH 64 Apache, o UH-60 Blackhawk e o OH-58 Kiowa não conseguiram resolver a questão de disponibilidade de potência. Como anteriormente citado, em virtude dessas

²⁸ *Brownout* é um fenômeno perigoso, frequentemente experimentado ao se realizar decolagens, aproximações e pousos em ambientes empoeirados, quando partículas de areia ou poeira são varridas pelo fluxo do rotor da aeronave e obscurecem a visão do terreno por parte do piloto (MODESTO, 2017).

²⁹ Ver Figura 5 (Anexo J).

restrições, o Exército dos EUA precisou rever o papel das suas aeronaves nas operações da OEF.

Como é possível verificar, houve uma elevada interação entre as características do ambiente operacional e seus impactos na aviação do Exército dos EUA, forçando-o a implementar as mudanças acima, a fim de se adequar à situação vivenciada e explorar as capacidades do elemento aéreo durante a OEF.

3.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No presente capítulo, apresentamos algumas transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante a OEF. Para tal, foi necessário explicar o que ocasionou o envolvimento estadunidense no Afeganistão, desde o surgimento do Talibã, a criação da Al Qaeda, liderada por Osama Bin Laden, o apoio afegão a esse movimento terrorista, até os atentados de 11 de setembro de 2001. Por conta desses ataques, os EUA desencadearam a OEF, em 7 de outubro de 2001.

A OEF durou pouco mais de treze anos. Nesse período, significativos eventos influenciaram a dinâmica da operação, tais como a queda do Talibã, ainda em 2001, e seu posterior ressurgimento, sobretudo a partir de 2006, o envolvimento estadunidense na OIF, simultaneamente à OEF, e a mudança do presidente dos EUA em 2009. Esses eventos influenciaram diretamente as operações militares, tanto em termos de número de militares e meios empregados, quanto em relação ao quantitativo de embates contra forças insurgentes e consequentes perdas pessoais e materiais.

Prosseguindo no capítulo, abordamos as principais características do ambiente operacional afegão, com ênfase no terreno e no clima. Verificamos que o Afeganistão possui um território relativamente extenso e marcado por extremos: montanhas e desertos, temperaturas muito elevadas e muito baixas. Além dessas características, o país também possui uma população predominantemente rural e é marcado por uma deficiente infraestrutura de transporte, evidenciada pelo número reduzido de estradas. Esse cenário forçou os EUA a empenharem elevados quantitativos militares e tornou o emprego da aviação extremamente relevante na OEF.

Caminhando para o final do capítulo, apresentamos algumas transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA, durante a OEF. Essas transformações se concentraram na organização, na doutrina, no treinamento e nos equipamentos. Elas evidenciaram a influência que o terreno e o clima tiveram sobre a aviação e revelaram o quão desafiador foi operar no território afegão, contra um adversário disperso e motivado.

De posse do conteúdo apresentado até o momento, verificaremos no próximo capítulo se as transformações na aviação do Exército dos EUA, observadas durante a OEF no Afeganistão, e expostas no presente capítulo, tiveram aderência às reflexões de David Galula em relação aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente.

4 TRANSFORMAÇÕES NA AVIAÇÃO DO EXÉRCITO DOS EUA DURANTE A OEF E O MODELO TEÓRICO DE DAVID GALULA

No presente capítulo, avaliaremos se as transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA, durante a OEF no Afeganistão, e apresentadas no capítulo anterior, tiveram aderência aos pressupostos teóricos de David Galula, no que tange aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente. Para tal, dividiremos o capítulo em cinco seções, sendo as quatro primeiras destinadas a cada um dos aspectos supracitados, e a última seção reservada para a apresentação de um quadro-resumo com o grau de aderência e com o nível de importância de cada aspecto.

4.1 TRANSFORMAÇÕES X TERRENO

Com relação ao terreno, Galula defende que ele ajuda o insurgente na medida em que é acidentado e desafiador, seja pelas montanhas e pântanos, seja pela vegetação. Conforme apresentado no capítulo anterior, grande parte do território afegão é marcado por regiões montanhosas ou desérticas. Tais características trouxeram desafios e impuseram à aviação do Exército estadunidense a necessidade de implementar algumas mudanças, conforme já explorado anteriormente.

Dessa forma, visualizamos que o terreno influenciou diretamente no conflito e trouxe vantagens ao insurgente, conforme antecipado no modelo teórico de Galula. Cabe ressaltar que a característica rural e tribal de parcela relevante da população afegã potencializou essa vantagem conferida pelo terreno, na medida em que o insurgente

conseguiu explorar eficientemente o terreno a seu favor, seja por meio de armamentos terra-ar, seja por meio de explosivos e emboscadas. Caso a população afegã estivesse concentrada predominantemente em cidades, provavelmente as características do terreno não tivessem tido o mesmo impacto que houve durante a OEF.

4.2 TRANSFORMAÇÕES X CLIMA

Já com relação ao clima, Galula argumenta que, ao contrário do que se pensa, climas severos favorecem as forças contrainsurgentes, que possuem, normalmente, melhores recursos logísticos e operacionais. Nesse aspecto, é importante observar duas questões. A primeira é com relação à superioridade material dos EUA, frente ao movimento Talibã. Sem dúvidas, essa superioridade se mostrou evidente do início ao fim da OEF. No entanto, e aí cabe a segunda questão, ela não impediu que o clima, assim como o terreno, trouxessem impactos na aviação do Exército. Seja por conta das temperaturas extremas, nas montanhas e no deserto, seja devido a ventos fortes, variações rápidas do clima, tempestades de areia e redução da visibilidade, em decorrência da areia ou da neve, a aviação do Exército dos EUA precisou se ajustar a essas características.

Assim sendo, observamos que, em relação ao clima, não houve aderência aos pressupostos teóricos de Galula.

4.3 TRANSFORMAÇÕES X MOBILIDADE

No que concerne à mobilidade, Galula argumenta que é fundamental o contrainsurgente possui-la, de modo a ter condições de fazer frente ao insurgente, que normalmente atua em pequenas frações e de forma fluida, explorando as vulnerabilidades do adversário. Nesse sentido, ele defende o emprego de forças levemente armadas e altamente móveis, fazendo uso, sobretudo, dos helicópteros, que permitem combinar força e rapidez, além de desempenharem um papel vital nas operações de contrainsurgência.

Conforme observado por Baran (2015), a aviação do Exército estadunidense desempenhou um papel relevante durante a OEF no Afeganistão, sobretudo pela mobilidade oferecida, frente às necessidades exigidas pelo ambiente operacional. A mudança da mentalidade do emprego de aeronaves, ocorrida durante a OEF, de ataque profundo para apoio aproximado, que por sua vez ocasionou outras transformações, como, por exemplo, o emprego de helicópteros em função das suas capacidades, sobretudo em termos de sustentação de voo, reforça a importância do emprego de helicópteros em um ambiente altamente desafiador, como era o Afeganistão.

Face ao exposto, verificamos que houve aderência aos pressupostos teóricos de David Galula, tanto em relação ao emprego dos helicópteros, como em relação a mudanças ocorridas durante a OEF, que visaram, entre outros propósitos, à manutenção da mobilidade às tropas terrestres.

4.4 TRANSFORMAÇÕES X RECURSOS DO CONTRAINSURGENTE

No que tange aos recursos do contrainsurgente, é importante lembrar que uma das leis da contrainsurgência, segundo David Galula, estabelece que a intensidade de esforços e a vastidão de meios são essenciais para o êxito do contrainsurgente. Galula também defende que as operações exigidas para aliviar a população da ameaça do insurgente e convencê-la de que o contrainsurgente acabará vencendo são, necessariamente, de natureza intensiva e de longa duração. Tais operações exigem uma grande concentração de esforços, recurso e pessoal. A OEF evidenciou tanto a natureza prolongada da guerra de contrainsurgência, como o emprego intenso de recursos, sobretudo a partir de 2009, quando o General Stanley McChrystal (1954-) assumiu o comando das forças dos EUA e da OTAN no Teatro de Operações Afegão. Na sua visão, o sucesso no conflito exigiria uma extensa campanha de contrainsurgência.

Com relação às transformações ocorridas durante a OEF, percebemos também que elas tiveram ligação com o emprego intensivo de recursos, uma vez que a aviação do Exército estadunidense reorientou suas operações para fornecer um elevado apoio aéreo às forças de manobra em terra. Esse elevado apoio, necessariamente, exigiu um emprego elevado de meios.

Dessa forma, verificamos que houve aderência entre os pressupostos teóricos de David Galula e as transformações observadas na aviação do Exército dos EUA durante a OEF, no que tange aos recursos do contrainsurgente.

4.5 NÍVEL DE IMPORTÂNCIA E QUADRO-RESUMO

Após examinarmos as interações entre a realidade observada na OEF e o modelo teórico de David Galula, é possível realizar uma análise do nível de importância de cada aspecto estudado.

A OEF teve duração pouco superior a treze anos. A extensão da operação tem relação direta com o tipo de conflito travado. Conforme Galula defende, a guerra de contrainsurgência é marcada pela longa duração. Além disso, o envolvimento em um conflito durante tantos anos só é possível, entre outras questões, se houver disponibilidade de recursos que o sustente. Nesse sentido, entre os quatro aspectos analisados no presente capítulo, o de maior relevância é, justamente, o referente aos recursos do contrainsurgente. Além de permitir o engajamento em um longo conflito, a vastidão de recursos também esteve relacionada à capacidade de o Exército dos EUA se adaptar aos desafios impostos pelo terreno, pelo clima e pelo insurgente afegão. Um exemplo dessa relação entre amplitude de recursos e possibilidade de adaptação está no fato de o Exército passar a escolher o helicóptero para emprego em determinada área em função das capacidades do meio aéreo, sobretudo em termos de sustentação de voo. Caso não houvesse variados modelos de helicópteros, e em quantidade suficiente, esse processo de escolha não seria possível. Embora não seja objeto de estudo deste trabalho, cabe ressaltar que a presença de tropas estadunidenses no Afeganistão não se encerrou com o fim da OEF. A retirada oficial de forças dos EUA só ocorreu em 2021, praticamente vinte anos após o início da OEF. Tal fato reforça a importância da amplitude de recursos do contrainsurgente.

Conforme defendido por Galula e evidenciado por Baran (2015), o emprego de helicópteros foi fundamental na OEF, entre outros pontos, por fornecer mobilidade às tropas

terrestres. Tal mobilidade foi essencial para fazer frente aos desafios impostos em território afegão, de tal modo que ela se encontra no segundo nível de importância entre os quatro aspectos analisados.

No terceiro nível de importância estão o terreno e o clima. Embora esses dois aspectos tenham sido relevantes na OEF e tenham provocado mudanças na aviação do Exército estadunidense, a capacidade de emprego de vastos recursos e a mobilidade fornecida pelos helicópteros permitiram uma contraposição aos desafios impostos tanto pelo terreno, como pelo clima.

Diante do exposto, o quadro abaixo apresenta um resumo do grau de aderência aos pressupostos teóricos de David Galula de cada um dos quatro aspectos analisados, o contendor mais favorecido e o nível de importância na OEF, sendo nível um para o aspecto de maior importância e três, para o de menor relevância.

ASPECTO	ADERÊNCIA	FAVORECIDO	NÍVEL DE IMPORTÂNCIA
Terreno	Plena	Insurgente	Três
Clima	Inexistente	Insurgente	Três
Mobilidade	Plena	Contra-insurgente	Dois
Recursos do contra-insurgente	Plena	Contra-insurgente	Um

Encerrado o desenvolvimento deste trabalho, no próximo capítulo passaremos às Considerações Finais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos na Introdução, o propósito da pesquisa foi confrontar as transformações da aviação do Exército estadunidense ocorridas durante a OEF, no Afeganistão, com as reflexões de David Galula, em relação aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente, e verificar se houve aderência entre a realidade e a teoria. Procurando alcançar o referido propósito, estruturamos a nossa pesquisa em cinco capítulos.

Iniciando o desenvolvimento, abordamos, no capítulo dois, a vida e a natureza intelectual de David Galula, a natureza e as características da guerra revolucionária, os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência e uma lei especial da guerra de contrainsurgência, que foi particularmente importante quando fizemos a comparação da realidade com a teoria, no penúltimo capítulo do trabalho. Observamos que Galula atribui uma enorme importância ao apoio da população, tanto para o insurgente, como para o contrainsurgente. Vimos também que uma característica marcante de um conflito envolvendo insurgentes é a assimetria de meios e custos, e a longa duração do embate entre as forças.

No terceiro capítulo, discorremos sobre os antecedentes históricos da OEF, a operação propriamente dita, as características do ambiente operacional afegão, com ênfase no terreno e no clima, e sobre algumas transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA durante a OEF no Afeganistão. Observamos que no período de 2003 a 2011, os EUA estiveram envolvidos tanto na OEF como na OIF. A partir de 2009, houve uma redução na quantidade de militares no Iraque e aumento no Afeganistão. Constatamos, também, que o ambiente operacional do Afeganistão impôs a necessidade de mudanças na aviação do Exército estadunidense.

De posse do conteúdo apresentado nos dois primeiros capítulos de desenvolvimento, analisamos, no capítulo quatro, se as transformações ocorridas na aviação do Exército dos EUA, durante a OEF no Afeganistão, tiveram aderência aos pressupostos teóricos de David Galula, no que tange aos aspectos do terreno, do clima, da mobilidade e dos recursos do contrainsurgente. Identificamos que, com exceção do clima, os demais aspectos estudados tiveram aderência à teoria. Ao final desse capítulo, reservamos uma seção para apresentar um quadro-resumo com o grau de aderência e com o nível de importância de cada aspecto examinado. Nessa seção, verificamos que os recursos do contrainsurgente foram o aspecto de maior relevância entre os quatro estudados, sobretudo por permitirem um envolvimento prolongado na luta contra o Talibã e por estarem diretamente relacionados à capacidade de adaptação da aviação frente aos desafios impostos pelo ambiente operacional. Importante destacarmos que tal constatação está alinhada a uma das leis da guerra de contrainsurgência, ressaltada por Galula e apresentada no capítulo dois.

Findo o capítulo quatro, observamos que o propósito da presente pesquisa foi alcançado.

Como o trabalho utilizou a realidade constatada no Afeganistão, durante a OEF, sugerimos, para estudos futuros, a análise dos mesmos aspectos (terreno, clima, mobilidade e recursos do contrainsurgente), mas agora para a OIF, especialmente pelo fato de o Iraque e o Afeganistão possuírem condições distintas em relação ao terreno, ao clima e à distribuição da população pelo território.

É fundamental também valorizarmos os ensinamentos obtidos no Afeganistão, a fim de utilizarmos as lições aprendidas em ocasiões presentes e futuras. Se fizermos uma análise da atual situação no Brasil, veremos que o aprendizado alcançado com o emprego da

aviação do Exército na OEF e os desafios impostos pelo movimento insurgente trazem importantes alertas para a realidade brasileira.

Considerando que um dos problemas que afeta o Brasil é o tráfico de drogas, cabe a seguinte reflexão. Os Estados onde mais se produz cocaína no mundo fazem fronteira com o território brasileiro. A quase totalidade desse limite fronteiriço está situada na região amazônica, onde o monitoramento e o controle das fronteiras apresentam-se como um enorme desafio para o governo brasileiro. Grande parte da droga que entra por essas fronteiras é direcionada para as principais cidades brasileiras, onde a densidade populacional é elevada. Se pensarmos no combate ao crime organizado como um conflito irregular, que guarda suas semelhanças com um embate contra um movimento insurgente, é lícito pensarmos em dois grandes ambientes operacionais, com características bastante distintas: a região amazônica, com floresta densa e predominância de hidrovias, e as grandes cidades, com elevada densidade populacional, predominância de vias terrestres e ocupação desordenada em certas áreas. Em ambos os ambientes, também é lícito pensarmos que o emprego da aviação traz inúmeras vantagens, como, por exemplo, nos aspectos de mobilidade, inteligência, vigilância, reconhecimento, comando e controle e até como caráter ofensivo. Como a Marinha do Brasil pode ser empregada no combate ao crime organizado, tanto nos grandes centros urbanos, como nos rincões da Amazônia, e, para tal, pode fazer uso de meios aéreos, é importante possuímos uma doutrina flexível e sempre atualizada sobre o confronto contra movimentos insurgentes, além do fato de este ser um tipo de combate cada vez mais presente no cenário internacional.

REFERÊNCIAS

THE AFGHAN push. **REUTERS**, 22 Oct. 2009. Disponível em: <https://www.reuters.com/news/picture/the-afghan-push-idUSRTR25I9D>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BARAN, Bayram. **The evolution of the U.S. Army aviation during operation enduring freedom in Afghanistan**. 2015. 100 p. Thesis (Master of Military Art and Science) - U.S. Army Command and General Staff College, [Fort Leavenworth, Kansas], 2015. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA623049.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BELASCO, Amy. The cost of Iraq, Afghanistan, and other global war on terror Operations Since 9/11. **Congressional Research Service Report nº. RL33110**, Washington, DC, Dec. 2014. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/natsec/RL33110.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

COHEN, A. A. **Galula**: the life and writings of the french officer who defined the art of counterinsurgency. Santa Barbara, EUA: Praeger, 2012. p. 89, 90, 351.

DUPREE, Louis *et al.* **Afghanistan**. [S. l]: Encyclopaedia Britannica, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Afghanistan>. Acesso em: 10 maio 2022.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

GALULA, David. **Counterinsurgency Warfare**: theory and practice. New York: Praeger, 1964. p. 1-28, 49-74.

GEORGE Bush anuncia que EUA estão em guerra contra o terrorismo. **HISTORY CHANNEL BRASIL**, 25 June 2019. Disponível em: <https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/george-bush-anuncia-que-eua-estao-em-guerra-contra-o-terrorismo>. Acesso em: 15 jun. 2022.

KATZMAN, Kenneth; THOMAS, Clayton. Afghanistan: post-taliban governance, security, and U.S. Policy. **Congressional Research Service Report nº. RL30588**, Washington, DC, Dec. 2017. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/RL/RL30588>. Acesso em: 1 maio 2022.

LAUB, Zachary; MAIZLAND, Lindsay. The U.S. War in Afghanistan: 1999-2021. **Council on Foreign Relations**, Sept. 2021. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-war-afghanistan>. Acesso em: 2 maio 2022.

LAUB, Zachary *et al.* The Taliban. **Council on Foreign Relations**, 2015. Disponível em: <https://www.cfr.org/taliban/#/>. Acesso em: 2 maio 2022.

LIVINGSTON, Ian S.; MESSERA, Heather L.; O'HANLON, Michael. Afghanistan Index: tracking variables of reconstruction & security in Post-9/11 Afghanistan. **BROOKINGS**, Oct. 2010. 48 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/index20101019.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

LIVINGSTON, Ian S.; O'HANLON, Michael. Afghanistan Index: also including selected data on Pakistan. **BROOKINGS**, Feb. 2015. 34 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/index20150210.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

MARLOWE, Ann. **David Galula: his life and intellectual context**. 2010. 74 p. Monograph - Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, [United States], 2010. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA527770.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2022.

MODESTO, Maurizio. Beating Brownout: technology helps, but training remains key. **The Journal of the JAPCC**, [S. l.], n. 24, p. 68-73, July 2017. Disponível em: <https://www.japcc.org/articles/beating-brownout/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

NATIONAL MUSEUM OF THE UNITED STATES AIR FORCE - NMUSAF. **Rocket-propelled grenades: old threat, new danger**. USA: National Museum of the United States Air Force, 2022. Disponível em: <https://www.nationalmuseum.af.mil/Visit/Museum-Exhibits/Fact-Sheets/Display/Article/197664/rocket-propelled-grenades-old-threat-new-danger/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION - NATO. **ISAF's mission in Afghanistan (2001-2014)**. Brussel, 30 May 2022. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69366.htm. Acesso em: 2 maio 2022.

PRINGLE, Robert W. **Central intelligence agency**: United States government. [S. l.]: Encyclopaedia Britannica, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Central-Intelligence-Agency>. Acesso em: 2 maio 2022.

RAND CORPORATION. c2022. [Site]. Disponível em: <https://www.rand.org/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SATELLITE 3D Map of Afghanistan. **MAPHILL**, c2013. Disponível em: <http://www.maphill.com/afghanistan/3d-maps/satellite-map/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SCHRAM, Stuart Reynolds. **Mao Zedong**: chinese leader. [S. l.]: Encyclopaedia Britannica, 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mao-Zedong>. Acesso em: 24 abr. 2022.

TALIBAN: political and religious faction, Afghanistan. [S. l.]: Encyclopaedia Britannica, 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Taliban>. Acesso em: 10 maio 2022.

THOMAS, Clayton. Afghanistan: background and U.S. policy. **Congressional Research Service Report nº RL45818**, July 2019. 62 p. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45818>. Acesso em: 1 maio 2022.

THOMAS, Clayton. Al Qaeda: background, current status, and U.S. policy. **Congressional Research Service In Focus nº IF11854**, May 2022. 3 p. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF11854>. Acesso em: 10 maio 2022.

US president authorises defence secy to determine Afghanistan troop levels. **DAWN**, June 2017. Disponível em: <https://www.dawn.com/news/1339577>. Acesso em: 1 maio 2022.

WADLE, Ryan. **Afghanistan War**: a documentary and reference guide. Santa Barbara, EUA: Greenwood, 2018. p. 132-140, 349-356.

WAR Against Terror. **CNN.com**, [2001]. Disponível em: <http://edition.cnn.com/SPECIALS/2001/trade.center/afghan.civil.html>. Acesso em: 1 maio 2022.

WITTE, Griff. **Afghanistan War**: 2001-2014. [S. l.]: Encyclopaedia Britannica, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Afghanistan-War>. Acesso em: 1 maio 2022.

ZEIDAN, Adam. **Mujahideen**: afghani rebels. [S. l.]: Encyclopaedia Britannica, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/mujahideen-Afghani-rebels>. Acesso em: 1 maio 2022.

ANEXO A

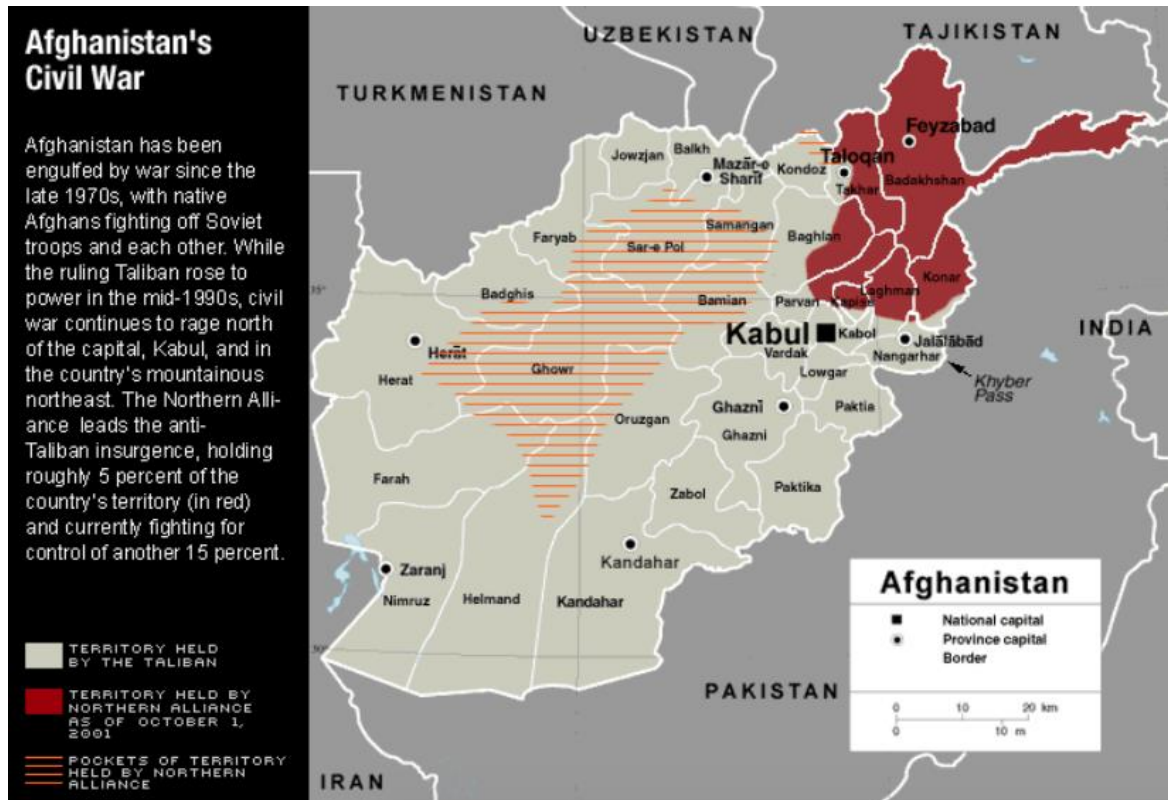


FIGURA 1 - Controle do território afegão em outubro de 2001.
 Fonte: WAR..., [2001].

ANEXO B

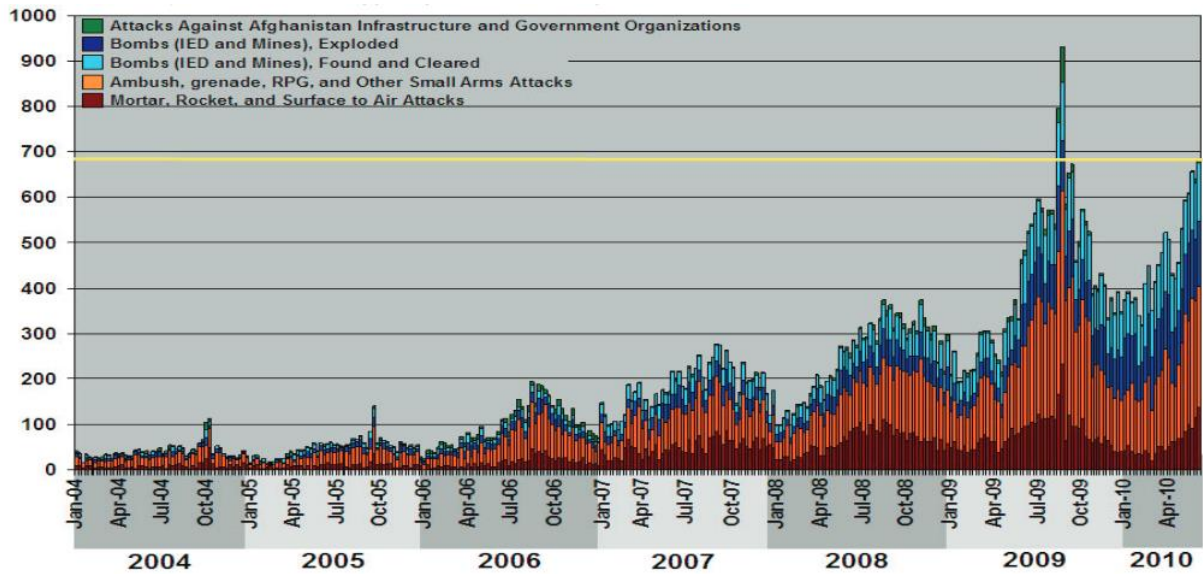


GRÁFICO 1 - Número de ataques insurgentes no período 2004-2010.

Fonte: LIVINGSTON; MESSERA; O'HANLON, 2010.

Nota: Observa-se um aumento de ataques insurgentes a partir de 2006.

ANEXO C

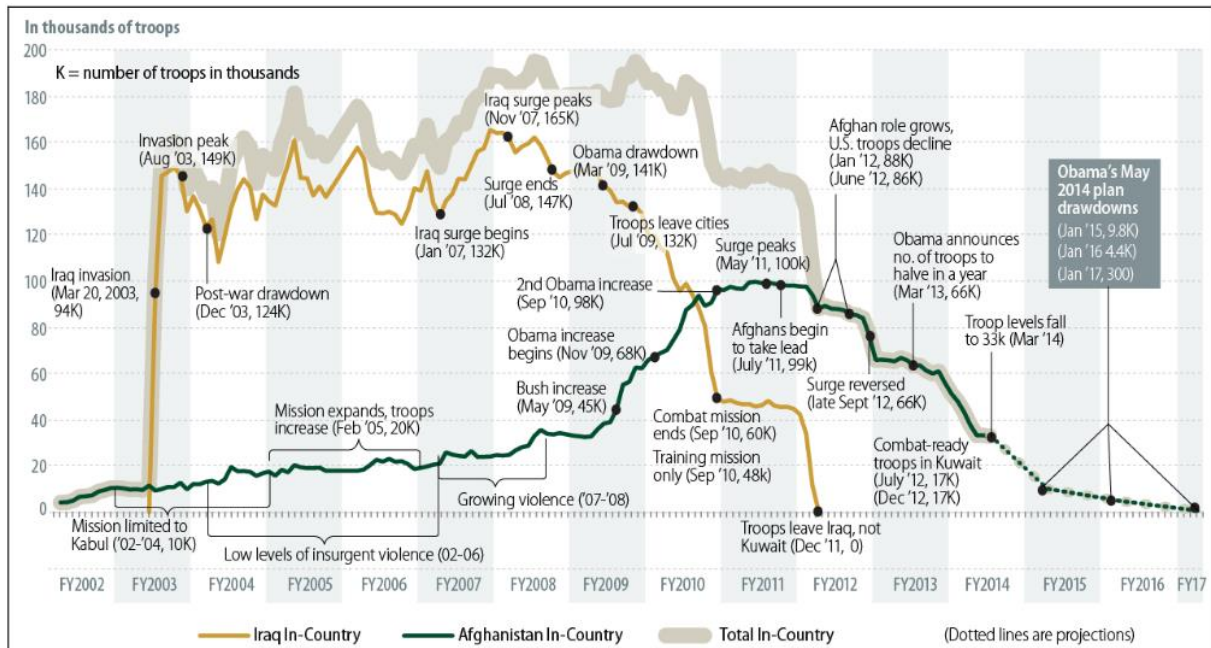


GRÁFICO 2 - Quantidade de militares dos EUA no Iraque e no Afeganistão, de 2002 a 2014.

Fonte: BELASCO, 2014.

Nota: A partir de 2009, observa-se redução na quantidade de militares no Iraque e aumento no Afeganistão.

ANEXO D

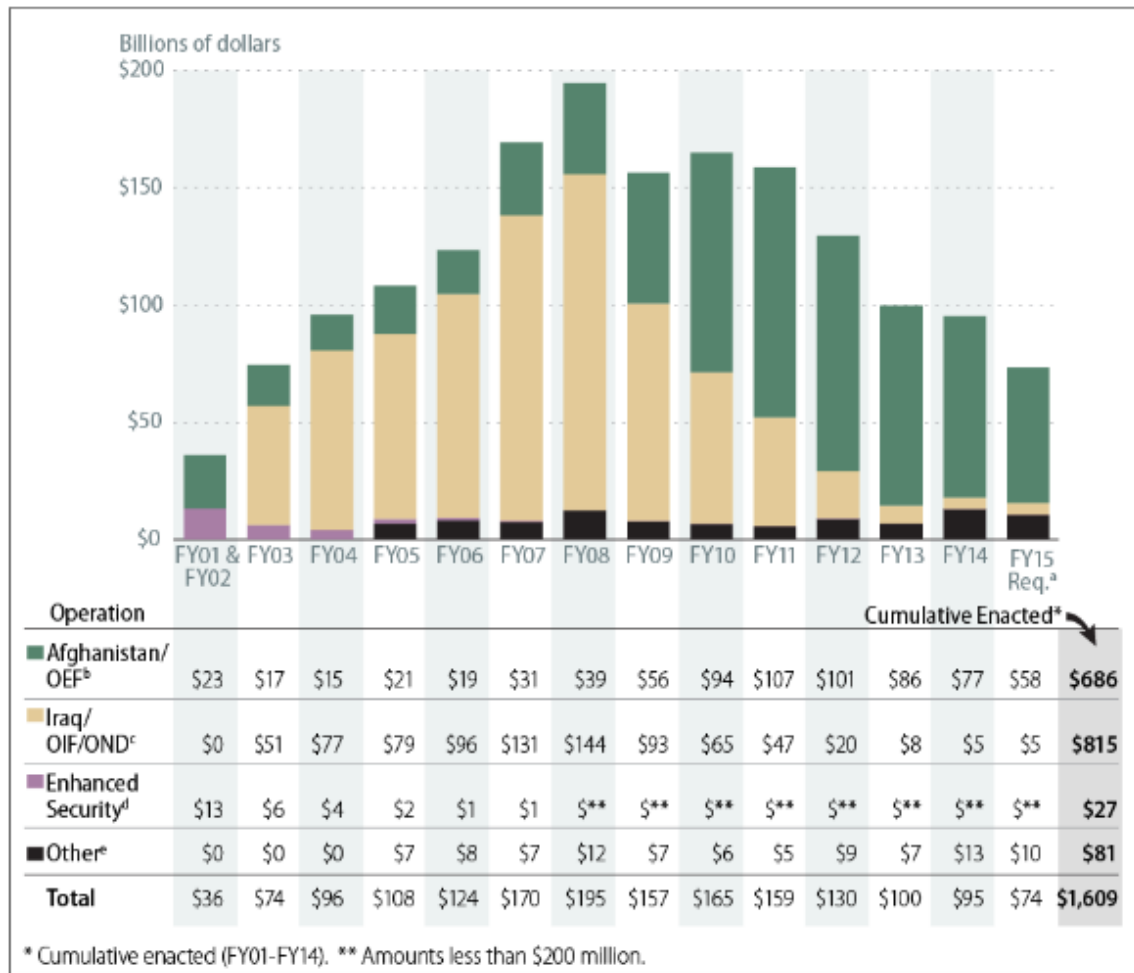


Gráfico 3 - Evolução do financiamento da OEF.

Fonte: BELASCO, 2014.

Nota: Observa-se aumento do financiamento a partir de 2009.

ANEXO E

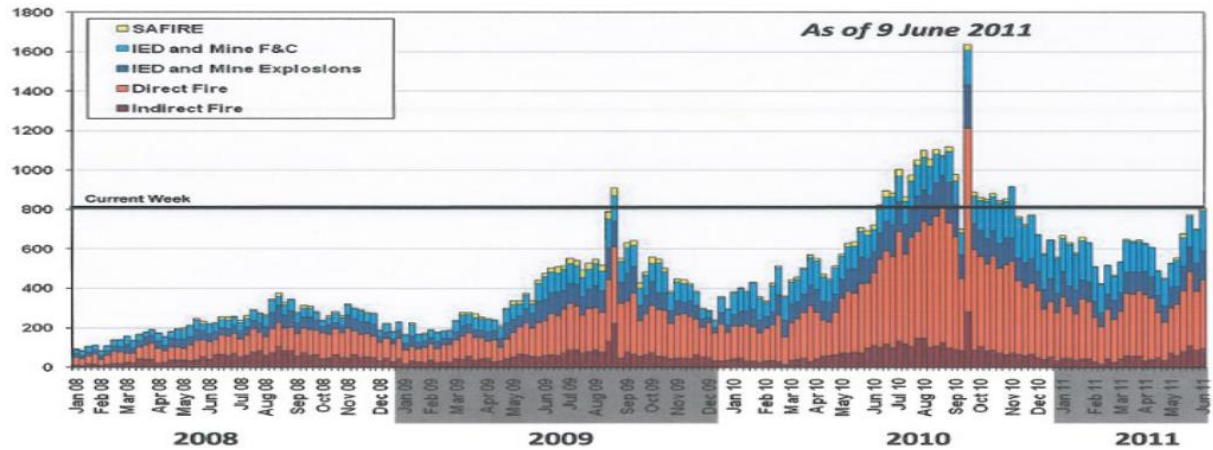


GRÁFICO 4 - Número de ataques insurgentes no período 2008-2011.

Fonte: LIVINGSTON; O'HANLON, 2015.

Nota: Observa-se um aumento de ataques insurgentes a partir de 2010.

ANEXO F

US troops in Afghanistan

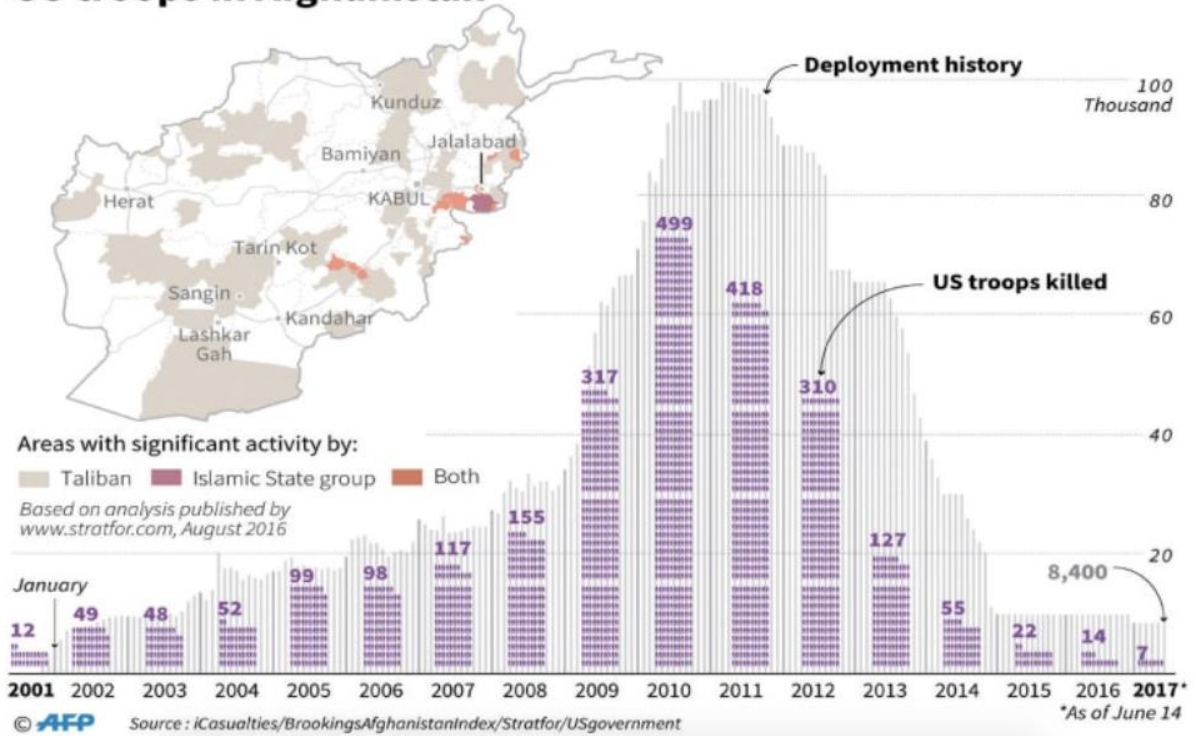


GRÁFICO 5 - Evolução do número de militares dos EUA mortos no Afeganistão.

Fonte: US..., 2017.

Nota: Observa-se um elevado número de militares mortos no período 2009-2012.

ANEXO G



FIGURA 2 - Mapa do Afeganistão.

Fonte: THOMAS, 2019.

Nota: Observa-se a localização geográfica e os Estados vizinhos.

ANEXO H

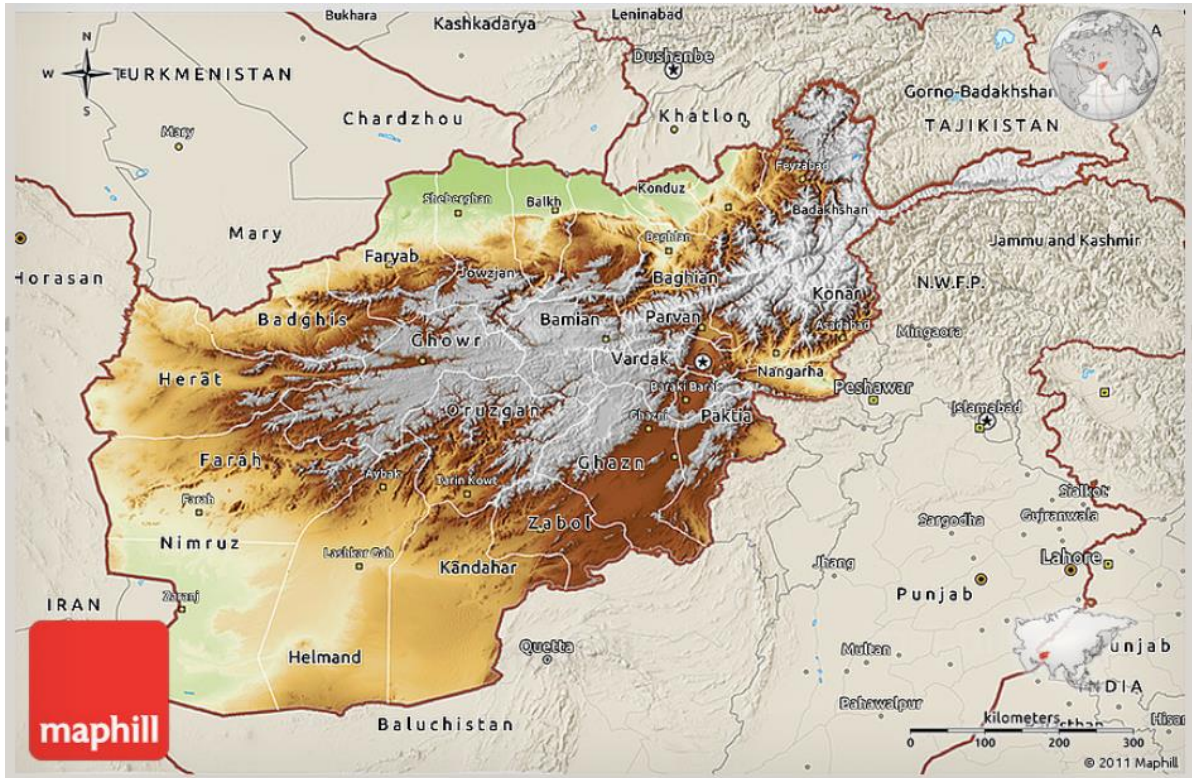


FIGURA 3 - Relevo afegão.
Fonte: SATELLITE..., c2013.

ANEXO I



FIGURA 4 - Região montanhosa no Afeganistão.
Fonte: GEORGE..., 2019.

ANEXO J



FIGURA 5 - Pouso em área desértica.

Fonte: THE AFGHAN..., 2009.

Nota: É possível observar o fenômeno do *brownout*, responsável por muitos acidentes aéreos com aeronaves de asa rotativa.